

JEM BENDELL **JUNTOS NA RUTURA**

Testemunhar a realidade
e caminhar rumo à liberdade
e à cooperação

**Para a versão completa do livro aceda ao link
bambualportugal.pt**



**DE
GUS
TA
ÇÃO**

Amostra do Livro

 **bambual portugal**
editora



«Este é um livro profético. A modernidade baseada no crescimento económico infinito, na poluição ilimitada do nosso precioso planeta Terra e na exploração irracional dos recursos naturais não pode durar para sempre. Este gigantesco sistema industrial materialista e devorador de recursos estava destinado a entrar em colapso. É melhor estar avisado e preparado, do que enfrentar as consequências do colapso sem dispor de conhecimento prévio.»

SATISH KUMAR, fundador do Schumacher College e editor emérito da *Resurgence & Ecologist*

«Uma espécie de alegria e otimismo permeia esta crónica sóbria do colapso social impulsionado pela ecologia. Esse otimismo, traz consigo a verdade. Jem Bendell vê a oportunidade de transformação na crise atual. Este livro faz parte de um movimento de cura que vai além do que normalmente consideramos como ecológico.»

CHARLES EISENSTEIN, autor de *Climate: A New Story*

«[Este livro] oferece uma análise impressionante e sóbria do que está a acontecer nas sociedades e na biosfera, porque 'nós' (nas culturas modernas) não percebemos isso antes, bem como as opções realistas que ainda restam, tanto a nível individual e coletivo. Jem e a sua equipa não se limitaram a olhar para o abismo – passaram dois anos a mapeá-lo para nós. Este livro representa a mãe de todas as "mic drops" sobre o mito do desenvolvimento sustentável. Este livro fornece a sabedoria essencial sobre a necessidade de permanecer política e socialmente envolvido, enquanto se presta atenção aos padrões psicossociais tóxicos que precisam ser curados, se quisermos manter a dignidade e a justiça nos próximos anos.»

KATIE CARR, *Deep Adaptation Forum*

«[Este livro] constrói um argumento abrangente, convincente, mas ainda assim matizado, de que o colapso social está a caminho.

O professor Jem Bendell integra habilmente e de forma harmoniosa reflexões pessoais e dados concretos de praticamente todos os domínios, para oferecer uma visão única da catagénese – a renovação criativa da sociedade pós-colapso. Ele defende um mundo ecolibertário, em vez do mundo ecoautoritário que está a começar a surgir. Por favor, concentre-se, ao se envolver nesta história brilhante, sincera, perturbadora e muitas vezes comovente sobre os futuros possíveis que tocarão cada um dos 8 mil milhões de nós.»

HERB SIMMENS, autor de *A Climate Vocabulary of the Future*

«Será que podemos enfrentar estes tempos importantes com menos medo? Menos hipocrisia? Mais coragem e criatividade? Acho que [este livro] pode ajudar. Ao integrar conhecimentos de uma ampla gama de estudos, convida-nos a compreender o significado completo do que está a acontecer. Em seguida, sugere uma nova agenda para uma política radical, que vai além da superficialidade que assola tanto a esquerda quanto a direita. A libertação das exigências do capital e da autoridade patriarcal será fundamental. Se quer salvar parte do mundo, mas detesta que lhe digam o que fazer, então este livro é para si.»

CLARE FARRELL, cofundadora de Extinction Rebellion

JEM BENDELL

«[Este livro] é um sinal para as pessoas que ficaram politicamente desorientadas com a loucura dos últimos anos.

Oferece algo que faltava: uma agenda radical e amante da liberdade para a crise ecológica. Jem Bendell oferece uma alternativa muito necessária às obsessões tecnológicas e aos impulsos autoritários de um movimento ambientalista que está a responder à crise, cedendo a sistemas de poder falidos. Vindo de alguém com conhecimento interno das organizações globalistas, antes de as rejeitar totalmente, é uma contribuição poderosa.»

AARON VANDIVER, autor de *Under a Poacher's Moon*

«Finalmente, um ambientalista ocidental critica a sua profissão e vê a solidariedade com os anti-imperialistas e defensores das comunidades do Mundo Maior como fundamental, para responder como uma única humanidade nesta era de colapso. Este livro mostra que, em vez de impor esquemas e fraudes elitistas, regenerar a natureza e a cultura em conjunto é o único caminho a seguir.»

DRA. STELLA NYAMBURA MBAU, Loabowa, Quénia

«Se sente que está a perder o rumo à medida que a sociedade se desintegra, este livro franco, sensível e inteligente oferece uma nova bússola para navegar pelo colapso.»

PABLO SERVIGNE, autor de *Another End of the World is Possible*

É um investigador de renome mundial, sobre o colapso das sociedades modernas devido às alterações ambientais. Professor catedrático da Universidade de Cúmbria, é sociólogo especializado em análise crítica e interdisciplinar na investigação de temas de grande relevância social. Com mais de um milhão de *downloads*, o seu artigo "Deep Adaptation" foi considerado uma inspiração para o crescimento do movimento *Extinction Rebellion* em 2018 e criou uma rede global para reduzir os danos face ao colapso social (o *Deep Adaptation Forum*). Concluiu o doutoramento na Universidade de Bristol e a licenciatura em Geografia (com distinção) na Universidade de Cambridge.. Durante décadas, trabalhou em Desenvolvimento Sustentável como investigador e gestor de ONG, bem como consultor em empresas, partidos políticos e agências da ONU. Viveu e trabalhou em todos os continentes, exceto na Antártida, passando muitos anos da sua vida adulta em países do Mundo Maioritário. Uma das suas especialidades desde 2011 é a inovação de moedas pró-sociais, com a sua palestra TEDx desse ano a explicar as razões para a existência do Bitcoin e similares. Em 2017, coliderou o desenvolvimento do plano de comunicação do Partido Trabalhista do Reino Unido para as eleições gerais e co-escreveu discursos para os seus principais políticos. Embora reconhecido em 2012 como Jovem Lider Global pelo Fórum Económico Mundial, Jem tem sido cada vez mais crítico da agenda globalista em matéria de desenvolvimento sustentável. Além desse trabalho, dedica-se à agricultura sintrópica, é cantor e compositor, tendo lançado um LP com a banda Sambiloto.



JEM BENDELL **JUNTOS NA RUTURA**

Testemunhar a realidade
e caminhar rumo à liberdade
e à cooperação



ÍNDICE

- 11 Esperança renascida PEDRO MACEDO
13 Rutura ativista ALCIDES L. M. BARBOSA
17 O colapso a três tempos JORGE LEANDRO ROSA
25 No escuro, também floresce uma nova vida HELOISA FISCHER

JUNTOS NA RUTURA

- 31 AGRADECIMENTOS
- 35 INTRODUÇÃO. RECONHECER E RESPONDER AO COLAPSO
Encontrar o rumo num mundo que está perdido, 38 — O que está em colapso?, 47
— Porque é que esta perspetiva não é mais conhecida?, 51 — Deixar que a emoção
flua, 55 — Do arrependimento à radicalização, 59 — A liberdade das fábulas
falidas, 65 — Libertar a humanidade para a sua verdadeira natureza, 68 — Juntos
na rutura, 75
- 77 CAPÍTULO 1. O COLAPSO ECONÓMICO: TEMPO DE LIMITES E CONTRADIÇÕES
Um fim bem medido, 78 — O que está a colapsar?, 86 — O fim do desenvol-
vimento, 91 — As fundações económicas desmoronam-se, 95 — O fim anunciado
das contradições, 99 — O começo de novos fins, 106
- 109 CAPÍTULO 2. O COLAPSO MONETÁRIO TORNOU-SE INEVITÁVEL
Porque é que o crescimento se tornou a nossa religião?, 112 — As respostas à
crise financeira de 2008 marcaram o princípio do fim, 120 — A geopolítica
do dinheiro explica as recentes políticas monetárias, 122 — O capitalismo do
desastre e o seu impacto no período pandémico, 126 — Aquisição neocolonial
durante o ‘pico fiduciário’, 136 — Reivindicar o poder monetário?, 139
- 141 CAPÍTULO 3. O COLAPSO ENERGÉTICO E OS PROBLEMAS
DAS EMISSÕES ZERO
As sociedades modernas são definidas pelo consumo extremo de energia, 1439
— Energia e economia não podem ser dissociadas, 145 — Descarbonização
não é libertação, 149 — A opção nuclear, 156 — O pico do crude, 161 — Este
debate está poluído pelas indústrias energéticas, 163 — Eu também odeio esta
conclusão, 168

- 171 CAPÍTULO 4. COLAPSO DA BIOSFERA: ESTAMOS A MATAR O NOSSO LAR
Nós somos a biosfera, 173 — Os primeiros sinais de alerta, 181 — A história rimada do colapso, 189 — Pânico em tempo de pandemias, 197 — Poderia a covid fazer colapsar o mundo?, 202 — Quando a natureza morre, nós morreremos com ela, 211
- 215 CAPÍTULO 5. COLAPSO CLIMÁTICO – FALHAS EM CASCATA
O regresso aos princípios básicos da estufa, 220 — Está a acontecer e é mau, 228 — Quando a climatologia escapa aos climatologistas, 233 — Até que ponto é que as coisas vão piorar?, 236 — O que devemos fazer?, 243 — Para além do contraproducente, 246 — Isto realmente muda tudo, 250
- 253 CAPÍTULO 6. O COLAPSO ALIMENTAR: SEIS TENDÊNCIAS FORTES
Tendência 1: As sociedades modernas estão a atingir os limites biofísicos da produção alimentar, 258 — Tendência 2: As sociedades modernas estão a destruir e a envenenar a biosfera de que a agricultura depende, 264 — Tendência 3: A atual produção alimentar depende dos combustíveis fósseis em declínio, 269 — Tendência 4: O caos climático está a condicionar a produção alimentar a um ritmo crescente, 272 — Tendência 5: A procura alimentar está a crescer rapidamente e não é fácil reduzi-la, 281 — Tendência 6: O sistema alimentar globalizado dá prioridade à eficiência e ao lucro em vez da resiliência e da equidade, agravando o risco de colapsar, 284 — Os alicerces colapsam, 289 — O que está a ser feito para evitar o colapso?, 291 — Para lá de farto, 296
- 299 CAPÍTULO 7. O COLAPSO SOCIAL: O RECONHECIMENTO
DA REALIDADE E DA DECADÊNCIA CULTURAL
Falsificar isto..., 306 — O tabu do ‘demasiado tarde’, 313 — Conflitos sequenciais, 320 — Os ingredientes jurídicos, comerciais e políticos do cimento cultural, 323 — Trabalho em equipa e bem-estar como ingredientes do cimento cultural, 329 — O que fazer após reconhecermos o colapso?, 337
- 341 CAPÍTULO 8. A LIBERDADE PARA SABER: SABEDORIA CRÍTICA
NUMA ERA DE COLAPSO
A natureza e a importância da literacia crítica, 346 — Ambientalismo anti-radical, 353 — Reenquadrar conceitos que podem limitar a nossa ação durante o colapso, 357 — O problema da raiva na modernidade, 362 — A teoria crítica não é *woke*, 364 — Capacite o seu próprio caminho para a ação sábia, 371

- 375 CAPÍTULO 9. A LIBERTAÇÃO DO PROGRESSO: A HUMANIDADE
NÃO ESTÁ EM JULGAMENTO
Reconhecer as culturas-chave, 379 — Reconhecer a nossa própria natureza
indígena, 386 — Para além do preconceito do progresso, 390
- 401 CAPÍTULO 10. LIBERDADE DO SISTEMA BANCÁRIO:
COMO O PODER DO DINHEIRO LEVOU AO COLAPSO
Buscar sentido no caos, 403 — A dívida levou-os a isso, 407 — Como os sistemas
monetários permitem paradigmas restritivos, 409 — Opressão socioambiental
de rotina, 413 — Opressão cultural e política de rotina, 420 — Uma causa
fundamental do omnicídio, 427 — O dinheiro obrigou-nos a fazer isto, 430
- 433 CAPÍTULO 11. LIBERDADE NA NATUREZA: UMA BASE PARA OS ECOLIBERTÁRIOS
Discutir o livre-arbítrio, 436 — Objeções da ciência natural, 439 — Diferentes
perspetivas espirituais sobre o livre-arbítrio, 442 — Liberdade natural, 449 —
Visões da ecoliberdade, 458 — Ecolibertarianismo em contexto, 461 — Reiniciar
o ambientalismo para uma era de colapso, 465 — Ecoliberdade, aconteça o que
acontecer, 474
- 477 CAPÍTULO 12. LIBERDADE PARA COLAPSAR E CRESCER:
O CAMINHO DOS *DOOMSTERS*
Liberdade através do colapso pessoal, 479 — Permitir e facilitar a intuição, 483
— Às vezes demora, 486 — Pioneiros económicos ecolibertários, 489 — A nova
agenda *doomster*, 497 — Programa de políticas positivas numa era de colapso, 500
— Sem libertação, 508
- 511 CAPÍTULO 13. LIVRES DE FALSOS GLOBALISTAS VERDES:
RESISTÊNCIA E RECUPERAÇÃO
Os governantes são mais perigosos do que os animais de estimação (e a maioria
dos vírus), 512 — Sabedoria crítica para a Grande Recuperação, 530 — Resistir ao
autoritarismo fora e dentro, 537 — Evitar distrações, 549 — Evitar a diluição, 555
— A base para um bom diálogo político, 560
- 565 CONCLUSÃO. TOMAR A PÍLULA VERDE NA ERA DO COLAPSO
Atlas maltratado, 572 — Existe realmente alguma beleza no colapso?, 576



Esperança renascida

11

PEDRO MACEDO

Desesperança. Talvez seja o remédio para os nossos males. Pode uma péssima notícia expandir o nosso otimismo? Quando li pela primeira vez o famoso artigo de 2018 do Jem Bendell foi como receber uma lufada de ar fresco. Eu explico.

Em 2016 iniciei o doutoramento em alterações climáticas e políticas de desenvolvimento sustentável. Depois de 20 anos de intenso trabalho na área, senti que precisava de “parar para pensar” e aprofundar conhecimentos, já que nada do que fazia parecia estar a resultar. Intelectualmente, as aulas eram excelentes. Emocionalmente, uma razia. Ao mergulhar na ciência do clima e do ambiente, percebi que o cenário era ainda mais dramático do que imaginava, e as soluções apresentadas profundamente ingênuas na sua larga maioria, quando não intencionalmente manipuladoras. Não havia volta a dar. Os mega incêndios de 2017 foram o corolário trágico do processo de aprendizagem.

“Conhecer alguém aqui e ali que pensa e sente como nós, e que embora distante, está perto em espírito, eis o que faz da Terra um jardim habitado”, como nos dizia Goethe. Ler o (r)evolucionário artigo do Jem foi como passear no parque com um amigo, com quem partilhamos as dores e as dúvidas. Ler, pela primeira vez, em tantas centenas de artigos, alguém que dizia o que precisava de ser dito, foi a tal lufada de ar fresco. Por um lado, gelado, porque ‘confirmava’ o que para mim já era claro: devemos perder toda a esperança na resolução favorável da crise climática. Mudar tudo, em todo o lado, ao mesmo tempo, simplesmente não vai acontecer. Continuamos a acelerar, mas na direção contrária. O rei vai nu!

Mas a esperança é como uma fénix. Por vezes precisa de entrar em autocombustão para renascer das cinzas. Jem não apregoava simplesmente o ‘fim dos tempos’, ele convocava todos para uma reflexão sobre o que precisamos de fazer neste momento trágico de colapso societal em curso.

12 Este chamado para uma “adaptação profunda”, de resiliência, renúncia, restauro e reconciliação, trouxe uma nova esperança, pela sua clarividência e humanidade. Não é à toa que ressoou com tantas pessoas em todo o mundo. Sim, mesmo explorado até ao túmulo, este mundo continua a ser um jardim habitado por seres mágicos e pessoas empáticas.

Neste novo livro, o autor apela à união de todos os (eco)libertários. Convoca-nos para um movimento global de resistência perante os ataques crescentes às nossas liberdades individuais e coletivas. Uma mensagem fundamental num momento em que os todo-poderosos estão a desconstruir ativamente e sem pudor as instituições que nos restavam, arreigados ao seu privilégio.

Honestamente, gostava de acreditar mais nesta possibilidade. Vejo que, após décadas de libertinagem, em que as elites económicas sequestraram a política e não se coibiram de vender barato o nosso futuro, há quem pareça preferir um mundo de autoridade e controlo, baseado em falsas promessas. Há quem fique satisfeito por ter o prazer de escolher o carrasco que irá guiar a manada até ao matadouro.

Como dizia José Régio, “não sei para onde vou, sei que não vou por aí”! Apenas uma resposta baseada num amor radical pela liberdade, em boa consciência planetária, nos deve guiar nestes tempos turbulentos. Depois da queda inevitável do atual sistema de consumo industrial, virá naturalmente um outro, renascido das cinzas. Que seja policêntrico, construído com base em comunidades solidárias e empoderadas, com uma gestão comum dos bens comuns. Ouçamos o Jem Bendell, uma das vozes mais lúcidas que habitam este jardim.

PEDRO MACEDO

Com 30 anos de experiência como empreendedor social, apresenta-se como especialista em governança da transição e regeneração comunitária.

Doutorado em Alterações Climáticas e Políticas de Desenvolvimento Sustentável, membro do CHANGE – Instituto para as Alterações Globais e Sustentabilidade, *Climate Reality Leader*, membro fundador da Casa Comum da Humanidade, cooperante da Coopérnico, embaixador do Pacto Europeu para o Clima, criador do Centro do Clima da Póvoa de Varzim e da Rede de Bosques pelo Clima.

Rutura ativista

13

ALCIDES L. M. BARBOSA

Em Portugal, este livro surge num momento de exaustão e lucidez do movimento climático. Já não há ilusões quanto à velocidade das transformações institucionais. Os efeitos da crise são visíveis a cada verão: secas prolongadas, incêndios descontrolados, perda de solo fértil e deslocação populacional silenciosa. E também vemos o desprezo das elites políticas por tudo o que exija mais do que meros discursos ocasionais. “Juntos na Rutura” oferece um novo objetivo ao movimento climático: reconstruir relações humanas e territoriais que nos preparem, tanto a nível emocional como material, para o colapso à nossa porta. Isso implica cultivar redes locais de apoio, reinventar a democracia à escala das comunidades e praticar a solidariedade como ato de resistência.

Em 2018, Jem Bendell publicou o artigo “Deep Adaptation: A Map For Navigating Climate Tragedy”.¹ Na altura, o foco dominante entre cientistas e ativistas era a urgência de agir rapidamente para evitar o colapso climático. O texto teve um impacto profundo precisamente por romper com essa visão, ao apresentar a hipótese de que o colapso não era apenas provável, mas inevitável. O seu apelo não era ao pânico, mas à honestidade emocional e à preparação profunda – interna, relacional e estrutural – para um mundo em desagregação. O artigo teve uma difusão muito ampla e exerceu uma influência decisiva no surgimento do movimento Extinction Rebellion (XR), que se espalhou rapidamente por dezenas de países. O próprio autor mantinha uma relação pessoal e intelectual com Clare Farrell, uma das fundadoras da XR, tendo estado envolvido na redação da Declaração de Rebelião. No mesmo ano, Greta Thunberg iniciava, sozinha, os protestos que originariam o “Fridays for

¹ Versões do artigo online: <https://jembendell.com/2019/05/15/deep-adaptation-versions/>

- 14 Future”. O movimento agarrava-se à possibilidade de ainda haver tempo, mesmo que muito pouco, e de ser necessário interromper imediatamente o *business-as-usual*.

Foi neste contexto que, em 2019, participei na criação da Extinction Rebellion em Portugal. Estávamos convencidos de que apenas uma mobilização em massa, radical e não violenta, poderia forçar os governos a declarar emergência climática e a iniciar a transição necessária. Tive o privilégio de colaborar com o Climáximo, que liderava o movimento desde 2015, de testemunhar o surgimento da Greve Climática Estudantil e de sentir o impulso e as sinergias. Havia diferenças, sem dúvida, mas também uma complementaridade entre estratégias e gerações. Porém, essa fase durou pouco. A pandemia do coronavírus interrompeu os processos em curso. Depois, surgiram os conflitos internos, os ataques externos e a dispersão. O elemento surpresa perdeu-se. A comunicação social, ao mesmo tempo que nos deu alguma visibilidade, esvaziou as exigências de mudança sistémica, normalizou o reformismo verde e ajudou a rotular o que restou do movimento como “extremismo”. Em Portugal, essa leitura está presente no *Relatório Anual de Segurança Interna* de 2024.² Noutras partes da Europa a situação é ainda mais grave. Passámos de protagonistas da esperança a suspeitos públicos.

Entretanto, figuras centrais do movimento climático internacional começaram a reavaliar o âmbito da sua ação. Greta Thunberg, que esteve em Lisboa em 2019, após atravessar o Atlântico num catamarã movido a energia solar, para defender a descarbonização da economia, participou mais recentemente em protestos contra a guerra na Ucrânia e foi deportada de Israel por tentar romper o bloqueio à ajuda humanitária em Gaza. A sua ação atual reflete uma consciência clara da interligação entre o colapso climático, a violência geopolítica e a injustiça sistémica. O mesmo acontece com os fundadores da XR. Roger Hallam, atualmente preso, escreve que as próximas revoltas não ocorrerão para *impedir* o colapso, mas sim *por causa* dele. O seu novo projeto com Robin Boardman, *Rev21*,³

2 Relatório Anual de Segurança Interna (RASI 2024), <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc24/comunicacao/documento?i=relatorio-anual-de-seguranca-interna-rasi-2024>

3 Rev21 – Revolution isn’t just possible; it’s inevitable – <https://rev21.earth/>

busca lançar as sementes de um novo regime político – alternativo ao fascismo – através de assembleias populares e resistência civil. O *Trust the People*⁴ e o *Assemble*⁵ também propõem redesenhar a democracia a partir das comunidades; Gail Bradbrook dedica-se hoje ao projeto *Lifefhouse – Collapse Preparing Communities*, que promove comunidades resilientes, solidárias e autossuficientes.⁶ Tudo isto faz parte de um movimento mais vasto que aposta na transformação local e comunitária, de modo a evitar que o colapso conduza necessariamente ao caos ou ao autoritarismo, mas que possa ser, com as condições certas, a semente de uma forma diferente e melhor de estarmos juntos.

É neste ponto de viragem – pessoal, coletivo e civilizacional – que Jem Bendell escreve *Juntos na Rutura*. O livro aprofunda o artigo de 2018 e oferece um novo propósito ao movimento climático. Já não se trata de evitar o colapso, mas de imaginar e pôr em prática formas de o atravessar com lucidez, solidariedade e sentido. Bendell defende que a tragédia, inevitável, não nos condena ao desespero nem à paralisia. Em vez de cairmos sozinhos, talvez possamos romper juntos. E, no processo, reinventar o que significa viver bem.

Este livro não nos pede heroísmo. Pede-nos verdade, ligação e compromisso. É um convite sereno e urgente a deixarmos de perseguir metas inalcançáveis e a começarmos a preparar, com o que temos e com quem temos, as bases de um novo modo de vida. Fala diretamente ao ativismo climático em Portugal, que hoje mais do que nunca precisa de coragem para recomeçar, não do zero, mas a partir das ruínas.

Julho, 2025

ALCIDES L. M. BARBOSA

Mestre em Habitação e Urbanismo pela Architectural Association, no Brasil foi professor universitário e diretor do Sindicato dos Arquitetos no estado de São Paulo. Atualmente vive em Guimarães e é membro da AVE – Associação Vimaranesse para a Ecologia, Rede para o Decrescimento, GTAC – Assembleias de Cidadãos Portugal e Extinction Rebellion Portugal. Traduziu o presente livro.

4 Trust The People – <https://www.trustthepeople.earth/>

5 Assemble – <https://timetoassemble.org/>

6 Gail Bradbrook: “So Now What? movement ecology, collapse and rising fascism”, Jan 28, 2025 – <https://buymeacoffee.com/gailbradbrook/so-now-what>



O colapso a três tempos

17

JORGE LEANDRO ROSA

Já não é o inferno dos outros, é o inferno do Mesmo.

JEAN BAUDRILLARD¹

1.

Os antigos gregos tinham três categorias para definir os modos como habitamos ou somos habitados pelo tempo: o *cronos*, o tempo sequencial, o *aion*, o tempo cíclico, o *kairós*, a presença passageira da ocasião, ou a famosa «janela de oportunidade». Os três são igualmente necessários e podem, num momento ou noutro, converter-se num diferente tipo de vivência temporal, transportando-nos para outra *temporalidade*. Hoje, contudo, a percepção cronológica do tempo parece não só a única reconhecível, mas também aquela que se consome a si mesma². Estranhamente – e Jem Bendell capta este aspecto em inúmeros exemplos –, o *presente* parece hoje enlanguescer a *presença* em vez de a retesar, de a fazer decisiva. Esquecemo-nos de que o presente pode ser múltiplo e que está sempre disponível para ser redefinido segundo as três categorias gregas do tempo. Capturado por *cronos*, o presente é o tempo que deixa de ser tempo e se torna presença rígida dos seres. Porquê? Porque o que não tem em si formas de renovação temporal e ontológica oferecidas pelo *aion* ou pelo *kairós* passa a ser uma coisa definida pela disponibilidade e pela exposição.

Estamos mergulhados num modelo económico que trabalha a partir do que é exposto e, portanto, do que perdeu todo o acesso à mutação. A única lei das coisas expostas é a fixação da actualidade do seu valor e a sua substituição ou obsolescência abruptas. A lei do progresso que opera

¹ Jean Baudrillard, *A Transparência do Mal*, Papirus, Campinas, 1996.

² Cronos devorava os seus filhos.

18 exclusivamente a partir do *cronos* não toma em conta as mudanças que podem emergir das próprias coisas, que podem cindi-las, amadurecê-las ou fazê-las divergir da sua lei expositiva; tal não nos pareceria sustentável num mercado funcional onde a lei é a ausência de origem, ela que terá sido aquilo que outrora definia solidariamente o produzido e o produtor. Substituir um ser exposto é anular a irradiação do seu efeito de mudança, de ruptura ou de recriação. Daí que a disjunção processual esteja tão difundida como ideologia desta economia: longe de eliminar o que é brutal na mudança, a disjunção lança-a no impensado ao atomizar as transformações que persistem naturalmente. A irrupção da mudança nas coisas é invisível para aqueles que entendem o mundo como um mostruário de *equivalências*. Contudo, e essa é uma das razões deste livro, a mudança é insistente mesmo quando é estrangeira à nossa temporalidade. A mudança impregnada na nossa substância parece reemergir agora da Terra e dos seus seres, mas sob aparências inusitadas e assustadoras.

É aqui que devemos lembrar a que ponto Jem Bendell é inequívoco: Encontramo-nos numa «era de colapso». É inclusive inútil inserir um «já» nessa afirmação: seria simular uma surpresa que todos sabemos não ter cabimento. Neste livro, o colapso não é uma hipótese, uma profecia, um facto do passado ou o cenário das nossas vidas. O colapso é simplesmente aquilo que age a partir do tempo presente. É uma força incontornável, a confirmação e a desarrumação dos nossos mostruários de seres expostos. Evidentemente, o colapso tem uma história atrás de si, tem causas que podemos referenciar, linhas de progressão, previsões que atemorizam. Mas a presença do colapso deve ser apercebida no presente, um presente que começa a *extravasar-se*, ele que é o continente e o conteúdo dessa situação de colapso. Quando apelam a soluções climáticas, os militantes lembram os direitos das gerações futuras ou a injustiça que atinge os países menos responsáveis. Têm razão, mas esquecem-se de que o colapso é a presença de uma força que não conhece a diferenciação temporal, geográfica ou cultural, uma força que atinge tudo e todos.

Chegámos, pois, a uma situação que muito deve a esta institucionalização do esvaziamento no mais íntimo dos processos socioeconómicos. Operação que redunde, como se sabe, em ocultação da natureza, entendendo por tal muito mais do que uma colecção de animais e plantas.

A natureza é um complexo e constante entrelaçamento de tempos, um incessante jogo de saídas e entradas de rios e regatos temporais. A mudança climática veio lembrar-nos tudo isso, agora que passámos a estar mais atentos aos rios atmosféricos que condicionam a nossa sobrevivência. Contudo, se a entendermos no estrito plano da cronologia, permaneceremos prisioneiros de um particular posicionamento que nos impede de antever o que seja um mundo em média mais quente 3 °C ou 4 °C. Pura e simplesmente, esse mundo não é concebível do ponto de vista do imaginário comunicacional e político hoje predominante, ele mesmo uma extrapolação do nosso modo de vida.

2.

Que fazer nestas condições? O livro de Bendell não se apresenta como um receituário de panaceias; trata-se antes de uma leitura reflexiva (e existencialmente investida) do colapso, tão distante dos que no-las vendem, sobretudo entre as elites tecno-idolátricas, como dos que institucionalizaram integralmente a sua cidadania climática, o que é, na prática, um sinónimo de «business as usual». O seu «Deep Adaptation»³, publicado em 2018, e que poderia ser também descrito como uma forma de manifesto, teve relevante repercussão internacional. Aí, Bendell sublinha o quanto uma simples apresentação dos dados científicos é manifestamente insuficiente se não for acompanhada de alguma argúcia psicológica: «Alguns, em círculos profissionais ligados ao clima, dizem que a discussão da natureza e probabilidade do colapso societal devido à mudança climática é irresponsável porque pode desencadear a perda de esperança entre a generalidade da população. Sempre achei bizarras estas tentativas de limitar a nossa exploração da realidade ou de censurar a nossa busca de sentido por causa do efeito que possam ter nos outros. [...] Um largo espectro de antigas sabedorias atribui um papel significativo ao desespero e à perda de esperança»⁴. Ironicamente, cinco anos depois, agudizam-se

3 «Deep Adaptation: A Map for Navigating Climate Tragedy». PDF da última versão, datada de Julho de 2020, disponível online.

4 Bendell, «Deep Adaptation», pp. 14-15.

20 a conflitualidade e a ansiedade social sem que a mudança climática seja aí claramente identificada. Muitos parecem ter apostado na produção de «novos conflitos», indício de que o colapso tem, desde então, vindo a multiplicar os seus caminhos.

A «adaptação profunda» proposta por Bendell é uma mudança praxica e teórica de paradigma, com efeitos em muitos planos, incluindo aquele da temporalidade. Para sairmos da «modernidade imperial», necessitamos de cruzar – «enxertar» – as temporalidades que transportamos na nossa experiência cultural com aquelas que temos vindo a ignorar sistematicamente, embora tenhamos partilhado desde sempre o planeta com elas. *Seres diferentes agem a partir de tempos diferentes*. Precisamos de reaprender os modos do mundo das plantas⁵, abrindo a possibilidade de nos tornarmos, nós mesmos, seres enxertados, essa ligação orgânica de duas vidas diferentes, em que nenhuma delas é sacrificada em nome de um novo ser. Porque o tempo da mudança climática traz também consigo misturas de elementos, tecidos e consciências que nunca haviam sido tão audíveis no campo da nossa própria consciência.

Se o colapso já está entre nós, com o seu séquito de bizarros efeitos, perguntamo-nos se ele corresponde ao célebre *dictum* de Gramsci: «O velho está a morrer e o novo não pode nascer; neste interregno, uma grande diversidade de sintomas mórbidos emerge». Estaremos perante um render-da-guarda como tantos que ocorreram na história? Se assim é, quem é que está prestes a subir ao palco? A questão relevante não é a de se saber se há alguém já nosso conhecido a ponto de entrar em cena, mas a de corresponder à necessidade de alargar o campo dos candidatos ao papel principal nesta história. Suspeitamos que nem todos os candidatos sejam humanos: entre eles, há ainda homens (incluindo aí a definição de género), é certo, que remisturam velhos modelos de acção política, mas também os há tecnológicos, há-os naturais, há-os metafísicos... subitamente, a grande barreira que os modernos ergueram contra a politização do não-humano parece ter começado a ceder. A ironia mostra-se violenta: é quando a figura humana parece encontrar-se no ápice do seu ascendente

5 Ver E. Coccia, *A Vida das Plantas. Uma Metafísica da Mistura*, Documenta, Lisboa, 2019.

global que tudo parece começar a abrir fissuras. O *homo economicus*, que se expandira por todo o planeta, depara subitamente com «inimigos» mais persistentes do que os velhos opositores ideológicos.

O crescimento económico ilimitado, que tem tido um papel central na quase totalidade dos nossos sistemas políticos, é agora chamado ao papel agónico de última linha de defesa antes do colapso desses sistemas. A referência à «ilimitação» terá caído, mas não o seu princípio. Sabendo, contudo, que os limites físicos e biológicos obstaculizam a assunção desse papel, o que vem assumi-lo? O conflito decisivo já não é aquele, característico do século XX, entre modelos político-económicos, uma vez que um conflito novo parece desenhar-se, um conflito com contornos difusos. A guerra contra a natureza, que julgávamos pertencer ao passado, regressa, e desta vez os campos em oposição trazem consigo forças radicalmente mais poderosas: de um lado, novos processos geotecnológicos e uma ideologia actualizada da supremacia humana; do outro, a convergência inédita de forças, de que a mudança climática ou as pandemias são as facetas por enquanto mais reconhecíveis. Evidentemente, como em todos os seus combates agonísticos, os humanos criam representações mitológicas ou fantasmáticas do que parece resistir-lhes. Mas é inegável que a própria acção dos homens, ao injectar tanta energia nos sistemas naturais, traz agora de regresso aquela Terra – *Gaia* – que eles tentaram aplacar durante tanto tempo.

Aplacar a natureza, dominá-la, delimitá-la ou integrá-la? Recorrentemente, Bendell discute o apodo de *doomer* com que são prendados todos aqueles que se esforcem por pensar o colapso. Trata-se, quase sempre, da tentativa de deslegitimar a discussão ou sequer a mera hipótese de um contexto social e ambiental que não seja descrito como estando «em expansão» ou «em crise» (por definição provisória). Este bloqueio da discussão tem as suas raízes no fantasma histórico da decadência civilizacional inaugurado por Santo Agostinho em *Cidade de Deus* e modernizado por Gibbons no seu *Declínio e Queda do Império Romano*. Com a agudização dos perigos ambientais, a depleção de recursos e as suas consequências sociais, a resposta política dos últimos anos tem sido caracterizada por uma recusa em enfrentar a complexidade do colapso em que estamos mergulhados, optando-se aí pela ressuscitação de mitos

22 históricos mal compreendidos. Cultivámos com génio o colapso, que foi sempre o tema de um rico esteio literário e artístico. Mas chegou a hora de reinventar o género, confrontando-o com um real transformado (e não é a transformação aquilo que, precisamente, define o real?). Tal não obsta a que Bendell chame a atenção para outra tendência que põe em risco esta discussão: certos sectores políticos apostam antes na culpabilização da «civilização ocidental», como se o colapso do modelo industrial, hoje alargado a quase todo o planeta, fosse o destino histórico de uns e a oportunidade de outros. Neste sentido, a obsessão crítica com as relações de poder restringe a nossa capacidade de leitura da situação presente. «A literacia crítica é parte de uma educação completa e de uma abordagem sensata para compreendermos a sociedade, e por isso a incluo, com a racionalidade, o *mindfulness* e a intuição, na ‘sabedoria crítica’»⁶.

O colapso não é só a interrupção de um processo civilizacional. Ao invés, o colapso abre uma transformação longa – embora sujeita a acontecimentos abruptos – que participa subterraneamente de um modo específico de presença humana na Terra. O colapso traz consigo um obscurecimento da leitura da nossa situação que, paradoxalmente, permite lançar luz sobre o que somos. O colapso é, pois, *autognose* num sentido que excede o do autoconhecimento em sentido vulgar. Dizer que o processo do colapso *já começou* significa que ninguém sabe quando virá o momento em que todos diremos, sem mais reflexão, que «o colapso está aqui». Alguns negarão a própria situação, outros tudo farão para a fazer coincidir com algum sinal messiânico-político.

As denegações delirantes, o asselvajamento político, a destruição da «verdade» socialmente partilhada são manifestações claras dos paradoxos abertos pela dificuldade em ler a temporalidade do colapso que se vem instalando, uma «iliteracia crítica», como diz Bendell, que permite desencadear a miríade discursiva e favorece os mitos da coincidência instantânea entre linguagem e acção. É a ocasião de lembrar que o colapso, embora se constitua aquém de nós, não prescinde de nos convocar a ele das formas mais imprevistas; ele que é, de certa forma, uma longa

6 Ver, nesta edição, pp. 366-367.

anamnese da nossa responsabilidade, raramente disponível aquando dos acontecimentos decisivos. É mesmo possível que o momento da consciência do «agora» nunca chegue, não porque o colapso não seja real, mas porque a sua manifestação é demasiado diversa e distendida no tempo ou porque nós próprios estamos já demasiado entretecidos nele. Ainda assim, sabemos que a consciência humana é, uma e outra vez, capaz de agarrar o *kairós* em pleno voo.

23

Jorge Leandro Rosa

JORGE LEANDRO ROSA

É filósofo, tradutor e ensaísta. Dedica atenção à ontologia e à fenomenologia, à poética e à estética, assim como à ecologia e ao decrescimento. Foi professor universitário, tendo também leccionado no ensino superior politécnico e nos ensinos secundário e básico. Publicou ensaios e estudos em revistas nacionais e estrangeiras, assim como diversos livros. Foi crítico literário nos jornais *Público* e *O Independente*. Foi ainda membro da direcção dos Amigos da Terra e, actualmente, é-o na Associação Campo Aberto.



No escuro, também floresce uma nova vida

25

HELOISA FISCHER

Descobri o trabalho do professor britânico Jem Bendell em 2023. O seu conceito de Adaptação Profunda me transformou. Logo depois, descobri a poesia do escritor americano Wendell Berry. O seu poema “Conhecer o escuro” me cativou.

Foi sorte encontrar os dois quase ao mesmo tempo, quando eu buscava apoio para digerir a extensão da crise climática. Eu tinha acabado de despertar do sono dos que ignoram o tamanho da enrascada. A incrível semelhança dos nomes Bendell e Wendell logo chamou atenção. Mas fiz uma conexão que vai além da ortografia.

Em tradução livre, o poema “Conhecer o escuro” diz assim:

Entrar no escuro com uma luz é conhecer a luz.
Para conhecer o escuro, vá no escuro. Vá sem ver,
e descubra que o escuro, também,
floresce e canta,
e é percorrido por pés escuros e asas escuras.¹

Jem Bendell propõe respondermos ao colapso ao modo que Wendell Berry entra no escuro. Ambos exigem coragem, entrega e curiosidade. Ambos nos desafiam a confiar que haverá vida no território desconhecido. Ambos apontam que desligar antigas luzes ajuda a melhor ver o cenário.

¹ *To Know the Dark*, de Wendell Berry: *To go in the dark with a light is to know the light. / To know the dark, go dark. Go without sight, / and find that the dark, too, / blooms and sings, / and is traveled by dark feet and dark wings.*

Com poesia, fica mais fácil (menos difícil?) metabolizar a tese central do livro que você tem em mãos. As principais estruturas que sustentam nossas sociedades estão em processo de desmoronamento. O colapso é amplo, sendo o clima só uma parte dele. O omnicídio vem do sistema financeiro baseado em crescimento e dívida.

Responder a tal realidade significa largar a luz do progresso ilimitado. Confrontar a Modernidade Imperial, conforme Jem Bendell a conceitua.² Adentrar o futuro incerto. Em lá chegando, sabedoria crítica e livre-arbítrio ajudam a desfazer as relações tóxicas com a opressão rotinizada. Fica viável reconstruir a vida em novas bases. Ufa, Wendell Berry tinha razão. O escuro pode florescer e cantar.

Não é uma tarefa para indecisos ou distraídos, como o livro mostra. E a conscientização envolvida pode causar efeitos inversos. Em vez de inspirar ação, pode deflagrar inação, ceticismo ou rejeição.

Jem Bendell sentiu na pele tal inversão de efeito. Foi em 2018, quando viralizou o seu artigo acadêmico “Adaptação Profunda: Um Mapa para Navegar pela Tragédia Climática”,³ com mais de um milhão de downloads. Quem julgava o colapso contornável bufou. Houve cancelamentos. Até que o artigo teve uma revisão em 2020.

Mais uns anos e Bendell deu adeus à carreira na sustentabilidade corporativa – o oxímoro vergou ao ponto de quebrar. O desenvolvimento sustentável virou envolvimento insustentável. Sai o professor universitário e ambientalista no Reino Unido. Entra o educador agroflorestal e músico devocional em Bali. O escuro segue florescendo.

O seu pessimismo positivo vem moldando o *ethos doomster* global com liberdade e compaixão. Convida a cultivar as condições para um colapso mais amável e sábio, com curiosidade e fé. Não uma fé cega, mas como sinal de confiança que nasce da compreensão.

Nas palavras do autor, esse livro é a cruz que decidiu carregar. “Simplesmente tinha que ser feito”. E completa: “Espero que minha

2 Conjunto de sistemas e aparato ideológico que moldam a vida cotidiana para favorecer a acumulação de poder das elites (dessacralização da natureza; pressa em produzir, consumir e descartar; patriarcado; lucros obscenos etc).

3 Versão do artigo em português: <https://lifeworth.com/DeepAdaptation-pt.pdf>

tentativa tenha sido suportável, quem sabe até reveladora”. Os melhores escritores são mesmo modestos. Trata-se de leitura obrigatória.

“Juntos na Rutura” é uma obra singular e ambiciosa. Reúne aspectos de artigo científico, curso de formação, sessão de terapia e conversa de bar. Você vai sentar ao lado de um *scholar* sagaz e bem-humorado. Ele fala com clareza, é habilidoso com divergências e esclarece pontos complexos.

O mal que lá fora é subestimado, aqui é analisado com lupa. Bendell narra com a serenidade de quem composta impactos emocionais há anos. O colapso deixa de ser tabu.

O calhamaço fácil de ler nos faz pensar. Como permitimos tudo isso acontecer? Como nos tornamos insensíveis à destruição? Como uma espécie inteligente (*sapiens*) fez escolhas tão burras? Como escapar da ideologia do progresso? Como exercer a nossa liberdade para ter uma relação mais benéfica com a vida?

Jem Bendell propõe uma agenda que embasa transformações profundas. Apoia o leitor a superar o choque que advém da conscientização. Sua escrita dialoga com quem lê, muitas vezes de forma explícita. Ao longo do livro, ele compartilha descobertas, inquietações e frustrações. Não esconde medos nem hesitações. Tem boa didática sem ser professoral.

Do ponto de vista formal, a abordagem sistêmica reflete-se na extensa remissão entre capítulos. É recorrente o autor abrir janelas que só abordará mais à frente. Ou resgatar agora algo que disse bem antes. Desfrute do vai-vem.

Esse é um livro de cunho comunitário, escrito para nós. Ajuda a construir ou amadurecer comunidades e a identificar quem pensa parecido. Concretiza o desejo de Bendell: “Espero ter mais companheiros intelectuais na era do colapso”. Cá estamos!

HELOISA FISCHER

Educadora e comunicadora brasileira especializada em Linguagem Clara. Mestre em Design e Sociedade. Especialista em Cultura do Consumo. Tem vindo a explorar abordagens para comunicar a crise climática e aumentar o envolvimento da população. Criou e apresenta o podcast Nossas Mudanças Climáticas. Foi aluna de Jem Bendell e Katie Carr no curso online *Leading Through Collapse*.



JUNTOS NA RUTURA



Agradecimentos

31

Agradeço especialmente a Papillon, Francis Patrick Smith, Matthew Slater e Simona Vaitkute. Pelo apoio e pelas diversas contribuições, agradeço também a Katie Carr, Jasmine Kieft, Jonathan Leighton, Stella Nyambura Mbau, Bjorn Seyfarth, Darinka Montico, Rik Strong, Jonas Freedman, Zori Tomova, Sven de Causmaecker, Atus Mariqueo-Russell, Stephen DeMeulenaere, Ian Roderick, Paul Maidowski, Alan Heeks, Stuart Smith, Andrew Medhurst, Kate Medhurst, Birju Pandya, Ari Nessel e Stephen Wright, bem como à equipa da VKRF, em particular Irene Krarup.

Se é um académico, ajude a promover e a desenvolver estas ideias e a sua aplicação, juntando-se à iniciativa Scholars' Warning: www.scholarswarning.net. Para encontrar iniciativas relevantes na sua região ou área de interesse, introduza as palavras-chave “deep adaptation” ou “radical adaptation” no seu motor de busca (existem muitos grupos em várias plataformas). As atividades caritativas relacionadas com estes temas, tal como cursos gratuitos para jovens de todo o mundo, precisam de apoio. Se puder ajudar, faça uma doação à iniciativa de investigação e educação Deep Adaptation do Schumacher Institute: <https://cafdonate.cafonline.org/20458>



*À minha mãe e ao meu pai,
pela lealdade e fortaleza.*

Canção escrita para o vosso recasamento,
a 4 de janeiro de 2023

“Dia do Casamento”

Os verdadeiros amigos superam
A tristeza e o arrependimento
Os verdadeiros amigos dão-nos força para continuar
Não há necessidade de esquecer
Como as nuvens vêm e vão
Como a vida morre e cresce
Há um amor além das expectativas
Encontrado em pessoas bondosas

Estejamos aqui e agora, hoje
Deixemos o passado para trás
Porque este momento permanecerá
Nos nossos corações quando estivermos longe
Daqui, não há nada a temer
Pois todos os mundos desaparecerão
Na verdadeira eternidade
Com todas as possibilidades
Oh, dia do casamento!



Reconhecer e responder ao colapso

“Ah, vou-me mantendo ocupada”, dizia a minha avó sempre que lhe perguntava: “Como estás?” Parecia estar sempre na cozinha e, se as conversas ficassem um pouco mais intensas, a sua frase favorita era “O teu avó é que sabe”, enquanto ia descascar batatas. Em criança, na década de 1980, não me identificava nada com esta forma de pensar, mas agora pergunto-me se a minha avó talvez estivesse bem-adaptada à sua situação. Todos gostamos de distrações que nos ocupem a mente e o corpo: filmes, notícias, desporto, música, celebridades, tarefas domésticas, culinária, estudos, ou talvez alguns dramas da vizinhança ou do local de trabalho. Até as distrações dolorosas podem ter o seu propósito. Como ler um livro sobre o fim da nossa civilização. Ou, pior ainda, escrevê-lo.

Um sinal dos tempos é os investigadores terem começado a fazer sondagens sobre se acreditamos que o mundo vai acabar. Ou pelo menos os nossos mundos, dentro do mundo maior. Fazem perguntas como: “Acredita que resolveremos as mudanças climáticas?” ou “Acha que os seus filhos terão uma melhor situação financeira?” Se formos como a maioria das pessoas na maioria dos países onde estas sondagens foram realizadas, é possível que já tenhamos pensado “Provavelmente não”, a ambas as perguntas.¹

Sei que não são respostas fáceis. Nós, que prestamos atenção ao que acontece à nossa volta estamos cada vez mais ansiosos pelo facto de tantos aspetos da vida neste belo planeta se estarem a tornar mais difíceis e incertos. As faturas de energia estão altíssimas, e o preço da comida e da

¹ No Capítulo 7 forneço dados sobre perspetivas de futuro.

36 bebida sobe tanto que nos estraga a refeição com aquele gosto residual a dívida. Temos ainda a ameaça de infeções horríveis, bem como a percebida ameaça de pessoas com opiniões diferentes sobre como tratar essas infeções. E ainda as ameaças de líderes conflituosos ou, simplesmente, senis. Além disso, temos a crise ecológica, incluindo as alterações climáticas. Será apenas uma farsa destinada a controlar-nos? Basta compararmos o clima dos últimos anos com o clima menos irregular de que nos lembramos, bem como os nossos pais. Todos podemos consultar online as medições em tempo real das temperaturas médias mundiais, ou dos níveis de gases atmosféricos como o metano, e ver que aumentaram a velocidades inéditas nos últimos 10 mil anos.

Não é novidade que as pessoas mais ricas ou com mais autoridade queiram controlar as restantes. O facto de alguns quererem utilizar os problemas atuais, como as pandemias ou as alterações climáticas, para nos controlar, não deveria, portanto, ser surpresa. Mas isso não significa que não existam problemas reais que ameacem tanto o nosso bem-estar como as nossas liberdades. Em conversas com amigos sobre o futuro, muitos expressam preocupação sobre como a vida está a ficar difícil. No entanto, ainda vivemos no mundo tal como o conhecemos. As nossas rotinas diárias, de trabalho, de contas para pagar, impostos, relacionamentos, passatempos, entretenimento e debate de notícias, são ofuscadas pelo conhecimento subtil de que são distrações para o que aí vem. Parte da razão reside no facto de não sabermos o que fazer que possa fazer diferença.

Não pretendo tentar evitar-lhe a sensação de futilidade. Muitos comentadores da nossa situação atual consideram que é uma obrigação nossa apontarmos para o otimismo, mas essa atitude pode ser parte do problema. Em vez disso, podemos permitir-nos aceitar a amplitude e a diversidade daquilo que hoje nos parece fútil. Sabemos que a reciclagem não vai resolver a corrente de jato nem vai impedir que as cúpulas de calor afetem o clima, as paisagens e a agricultura. Sabemos que comprar chocolate biológico de comércio justo não vai transformar o capitalismo numa forma imparcial e ecologicamente saudável de organizar a sociedade. É por isso que algumas pessoas passaram a expressar ativamente as suas convicções e preocupações, mas também não adiantou muito

colarmo-nos a estradas, quadros ou grades. Não precisamos de nova legislação, mas de uma transformação de toda a civilização humana, em todo o planeta, e já, para podermos dar às gerações mais jovens a mínima oportunidade de uma vida digna. Que é uma coisa que não está a acontecer. Embora alguns possam começar a falar sobre resistência violenta, sabemos que esta linha de ação é absurda. Na maioria das sociedades os dias das revoltas armadas já estão no passado, e a retórica violenta dos ativistas é geralmente um entrave a esforços por mudança política.

O descontentamento e as nossas críticas quando os ricos e poderosos finalmente levam a sério os problemas coletivos, é outro ponto de discórdia. Cada vez mais, as ousadas medidas de resposta à pandemia por parte dos governos são encaradas como não tendo conseguido conter o impacto da doença,² mas antes prejudicado a saúde física e mental das pessoas,³ gerando interrupção económica e maior desigualdade.⁴ Os milionários estão sempre prontos a lucrar com qualquer ação pública imposta por uma crise, como ilustram agora os escândalos em muitos países sobre a adjudicação de contratos públicos durante a pandemia.⁵ Em questões ambientais, assistimos a um semelhante enriquecimento ilícito. As políticas climáticas que criaram os mercados de compensação de carbono criaram também novas vantagens às empresas poluentes, que conseguiram manipulá-los em benefício próprio.⁶ As ousadas ações dos governos em matéria de alterações climáticas também tiveram efeitos adversos. Em nome da proteção ambiental, o anterior governo do Sri

-
- 2 Allen, D.W (2021). "Covid-19 Lockdown Cost/Benefits: A Critical Assessment of the Literature". *International Journal of the Economics of Business*, 29(1), 1-32. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13571516.2021.1976051>
- 3 Eedara, B. *et al.* (2022). "Will the Lockdown Blues Linger? Impacts of COVID-19 Lockdowns on Mental Health of Adult Populations". *Issues in Mental Health Nursing*, 43(6), 582-586. <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01612840.2021.2014609>
- 4 Christensen, M-B. *et al.* (2023). *Survival of the Richest (2022)*. Policy Paper, Oxfam International. <https://www.oxfam.org/en/research/survival-richest>
- 5 TF (2022). "Nearly £15bn wasted on Covid PPE, says UK spending watchdog". *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/15c3630a-b31a-425a-935b-e07d180a8b58>
- 6 Reyes, O. & Gilbertson, T. (2010). "Carbon trading: how it works and why it fails." *Soundings*, 45, 89-100. <https://www.ingentaconnect.com/content/lwish/sou/2010/00000045/00000045/art00009>

- 38 Lanka proibiu os fertilizantes artificiais da noite para o dia, e os cidadãos de repente tiveram dificuldades em alimentar as suas famílias.⁷ Às vezes, a ação judicial causa interrupções parecidas. Quando os tribunais holandeses ordenaram aos agricultores que parassem de usar fertilizantes, houve grandes protestos contra a percebida ameaça às empresas e ao emprego, seguidos de uma revolta nas urnas.⁸ A preocupação de que os governos se tornem autoritários em questões climáticas é alimentada pelas declarações de um número crescente de comentadores do ambiente sobre como “aplicar as lições da pandemia”. Por exemplo, o filósofo Bruno Latour sugeriu que a crise climática pode exigir limites às liberdades, da mesma forma que se fez contra a covid-19.⁹ Até os principais políticos argumentaram que “precisamos de medidas para lidar com as alterações climáticas que sejam análogas às restrições à liberdade individual [impostas] para combater a pandemia”.¹⁰ Pode ser que um autoritarismo promovido pelo pânico seja tão destrutivo para as sociedades como os fatores de stress que descrevo neste livro.

Encontrar o rumo num mundo que está perdido

Perante este caos, é normal sentir-se frustrado e confuso. Alguns de nós queremos salvar o mundo, mas odiamos que nos digam o que fazer. Que opções políticas existem? Nesta era perturbadora, já sabemos o que não funciona. Como pugilistas atordoados, temos procurado o falso apoio das cordas do ringue. É evidente, agora, que a política de nostalgia que varre o mundo, que promete o regresso a melhores tempos, não oferece

-
- 7 Reuters (2022). Fertiliser ban decimates Sri Lankan crops as government popularity ebbs. *Reuters*. <https://www.reuters.com/markets/commodities/fertiliser-ban-decimates-sri-lankan-crops-government-popularity-ebbs-2022-03-03/>
- 8 Boztas, S. (2022). “Why Dutch farmers are revolting”. *UnHerd*. <https://unherd.com/2022/07/why-dutch-farmers-are-revolting/>
- 9 Latour, B. (2021). *After Lockdown: a Metamorphosis*. Traduzido por Julie Rose. London: Polity.
- 10 Traduzido do alemão. Von Karl Lauterbach (2020). Klimawandel stoppen? Nach den Corona-Erfahrungen bin ich pessimistisch. *Welt*. <https://www.welt.de/politik/deutschland/article223275012/Kampf-gegen-Klimawandel-Lauterbach-wegen-Coronazeit-pessimistisch.html>

qualquer apoio contra os golpes das múltiplas crises. Também sabemos que, mesmo que as conspirações malignas descritas pelos teóricos da conspiração subitamente desaparecessem, as nossas vidas não iam mudar em nada. Em vez disso, as causas das dificuldades são muito mais profundas. Os apelos da comunicação social, para nos acalmarmos, numa espécie de centrismo autoritário, com a crença de que a tecnologia e o empreendedorismo podem resolver tudo, também não nos convencem. Quando ouvimos o mesmo credo ‘eco-moderno’ da salvação tecnológica, vindo de socialistas de pensamento mágico, que dizem que só precisamos de um enorme investimento do Estado, soa-nos a uma fuga à realidade muito pouco convincente. Infelizmente, também sabemos que ignorar as tendências perturbadoras da sociedade, centrando-nos nas nossas famílias, jardins, comunidades ou igrejas, não vai impedir os golpes, que chegam com mais intensidade e rapidez. Rejeitar a cultura dominante, valorizar mais as culturas indígenas, ou as espiritualidades alternativas, também não ajudará a defender-nos contra a fome insaciável de um capitalismo globalizado dominador, e dos seus responsáveis no governo e fora dele (os agora frequentemente chamados ‘globalistas’). Em vez de todas as respostas limitadas que acabei de descrever, é razoável querermos outra abordagem; uma que ofereça estabilidade sem negação, a partir da qual possamos contribuir.

O primeiro passo para essa estabilidade é perceber o quão más as coisas estão, e que ainda vão ficar, façamos o que fizermos. Assim, podemos falar a sério sobre os aspetos do mundo que queremos salvar. À medida que tentamos dar-lhes resposta, também podemos querer não repetir os padrões que causaram estes problemas, e isso exige que enfrentemos as verdadeiras causas, em vez de agirmos parcialmente sobre os sintomas, que serão varridos pelas correntes da história. Significa também que não devemos abandonar o que acreditamos estar certo, só porque estamos ansiosos e mais vulneráveis à manipulação. O objetivo não é apenas ‘salvar’ mais partes do mundo, mas senti-lo mais plenamente, respeitar a sua beleza, e ajudar a que seja um lugar onde valha a pena viver. Portanto, é fundamental termos em mente alguns valores universais, como a crença na equidade para todas as pessoas, ao considerarmos a dimensão e a importância dos problemas que enfrentamos.

Outro valor que transcende a história e as geografias é a liberdade, tanto individual como coletiva. Por liberdade, refiro-me à capacidade de pensar e agir como quisermos, sem coerção ou manipulação, e com uma consciência significativa da nossa situação e dos possíveis efeitos das nossas escolhas. O desejo de liberdade é natural em nós, porque também é natural para o mundo vivo. Odiamos que nos digam o que fazer, especialmente quando percebemos pouca ou nenhuma vantagem, para nós ou para a comunidade. Sem uma relativa liberdade de escolha, qualquer forma de vida seria incapaz de aprender. Sem relativa liberdade de escolha, a evolução não seria possível; algo que explicarei em mais detalhe no Capítulo 11. Esta perspetiva quer dizer que podemos suspeitar dos que preferem descrever a natureza como um instinto para a competição, a cooperação ou a hierarquia, em vez de envolver, em parte, um relativo livre-arbítrio. Neste livro, mostrarei como os sistemas que oprimem a nossa liberdade de pensamento e comportamento, levaram a nossa civilização para a beira do precipício, e defenderei assim a importância de uma política baseada num compromisso renovado e recontextualizado com a liberdade. O meu desejo é apoiá-lo a si, caro leitor, a superar qualquer choque sobre a verdadeira escala da nossa situação no planeta, para que possa encontrar a sua própria resposta esclarecida. É o motivo pelo qual tento resumir o argumento do livro nesta extensa introdução: para que possa voltar a ele mais tarde, à medida que se for envolvendo com outras pessoas sobre o tema, no futuro.

Querer ajudar a salvar um pouco do mundo sem receber ordens, foi a paixão que me levou a terminar este livro. Tenho estado envolvido em vários tipos de trabalho ambiental desde a adolescência. Ao longo dos anos, tentei contribuir para a mudança através de campanhas com instituições de solidariedade, bem como investigando a situação, ensinando estudantes e executivos, aconselhando organizações, fazendo parte do conselho de administração de uma empresa de investimento e, até, trabalhando nas Nações Unidas. Estes esforços chamaram a atenção daquele clube de elite global, o Fórum Económico Mundial, que me deu o título de “Jovem Líder Global”, em 2012. Se ao menos fosse o centro de comando do controlo global, como pretendem o presidente Klaus Schwab e os *media* alternativos, a minha participação em muitas das reuniões e festas

em Davos, há uns anos, poderia ter sido útil. Neste livro, não relatarei os meus inconsequentes ‘sucessos’ nesses compromissos de alto nível, mas as minhas análises e recomendações são o resultado de constatar que não existe uma liderança esclarecida que coordene uma resposta positiva para estes tempos difíceis.

Tenho agora cinquenta anos. Para me tornar professor titular, passei muito tempo a escrever e a publicar livros. Uma expressão no meio académico é o “*publish or perish*”, e existe a expectativa de publicarmos artigos em revistas académicas das nossas áreas de especialidade. Embora tenha começado numa área interdisciplinar chamada Estudos de Desenvolvimento Internacional, e a minha área principal tenha sido a Sociologia, tornei-me professor na área de Estudos de Gestão, concentrando-me mais recentemente em Liderança e Mudança. Desde o meu primeiro emprego na WWF [*World Wildlife Fund*], em 1995, a minha paixão sempre foi o ‘desenvolvimento sustentável’, e as formas de aproveitar o poder do negócio e da finança para fazer uma diferença decisiva. Tal como muita gente que trabalha em questões ambientais, já sabia que tínhamos um problema sistémico na destruição humana da biosfera, mas também pensava que tínhamos muito tempo para reformar e, finalmente, transformar os nossos sistemas socioeconómicos. O Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas (IPCC) foi considerado pela maioria de nós como o evangelho das alterações climáticas, que nos deu a impressão de que, se não mudássemos rapidamente, algo de mau poderia acontecer em 2100. Parecia uma eternidade. No entanto, em 2014 comecei a ficar preocupado: inundações e incêndios inéditos, o derreter do permafrost e o recuo do gelo marinho, eram o tipo de mudanças futuras que tinha aprendido quando era estudante em Cambridge na década de 1990 e que, se nada fosse feito, poderiam ocorrer em meados deste século. A minha preocupação levou-me a tirar um ano sabático da universidade para estudar a ciência principal, e aí descobri que as conclusões do IPCC tinham sistematicamente excluído alguns dos dados e cálculos mais preocupantes (ver Capítulo 5).

Depois de meses de análise das investigações climáticas mais recentes, cheguei à conclusão de que era demasiado tarde para evitarmos uma mudança catastrófica nas sociedades humanas, e que seria inevitável o

42 colapso do modo de vida de consumo industrial. Escrevi estas conclusões para explicar aos meus colegas da sustentabilidade empresarial que o nosso trabalho se baseava numa premissa falsa e para oferecer uma ‘Adaptação Profunda’ [*Deep Adaptation*], uma ética e um enquadramento para abordar esta realidade. Quando o artigo foi rejeitado por uma revista, principalmente por chegar a conclusões impraticáveis, fiquei estupefacto. Com as emoções à flor da pele, decidi publicá-lo através da minha universidade. O artigo era um grito de angústia. Que desperdício de carreira, e de vida, pensei eu. Que se lixe a academia, era hora de “publicar e perecer”!

Um mês depois, tinha recebido mais de 300 emails de todo o mundo, de pessoas que me eram desconhecidas e, fazendo login no meu servidor, descobri que o pdf do artigo tinha sido descarregado 5000 vezes. Alguns dos meus velhos amigos disseram-me que o artigo os impactou profundamente, e que se estavam a juntar a um novo grupo ativista com o dramático nome de *Extinction Rebellion*. Li *tweets* de pessoas que se despediram dos empregos por causa do meu artigo, e que se juntaram a essa rebelião. Mais tarde, pediram-me para falar no lançamento da ‘Rebelião Internacional’ em Oxford Circus, no seu barco cor-de-rosa da verdade. O meu artigo e o seu impacto nesta nova onda de ativismo climático, receberam comentários no *Financial Times*, no *Times*, na *Vice Magazine*, *Radio 4* e outros. Um ano depois, o meu servidor indicava que o documento tinha sido descarregado mais de um milhão de vezes. Mais que um artigo, a Adaptação Profunda tornou-se uma tendência.

As pessoas começaram a perguntar-me o que podiam fazer relativamente a essa antecipação do colapso social, mas como esta perspectiva se relaciona com tudo nas nossas vidas, achei que seria loucura da minha parte oferecer-lhes conselhos. Pior, percebi que a tragédia tinha sido causada pela cultura e pelos sistemas que me moldaram. Não me parecia bem ser eu, um branco de meia-idade ocidental, a dizer às pessoas como lidar com os problemas criados por sistemas desenhados por pessoas como eu. A minha resposta foi criar uma organização que conectasse as pessoas afetadas e motivadas pelo conceito da Adaptação Profunda. Embora não remunerado, este trabalho foi profundamente gratificante e ajudou-me a lidar com a minha própria perspectiva, bem como a contribuir da melhor maneira possível. Sempre tive a intenção de deixar a organização assim

que esta tivesse financiamento, para que os seus participantes pudessem criar algo juntos. Filosoficamente, não queria que esta fosse comandada por um só indivíduo. Ter uma visão sombria do futuro parecia-me razão inadequada para influenciar as decisões das pessoas. Foi também por isso que, na altura, rejeitei ofertas para escrever livros e fazer documentários televisivos. Sentia o impacto das minhas conclusões sobre o estado do mundo, e sentia-me motivado para ajudar as pessoas igualmente afetadas, lendo ou não a minha análise."

Também tinha um motivo pessoal para deixar o *Deep Adaptation Forum*. Quando, em 2018, concluí que as sociedades modernas e, portanto, o meu próprio modo de vida, entrariam em colapso nos próximos anos, vivi uma transformação na minha própria identidade, e na forma de dar sentido às coisas. Ansiava pela prática espiritual, pela imersão na natureza, música, agricultura orgânica e, portanto, por deixar o mundo da discussão intelectual e do ativismo. A condenação da antecipação do colapso, na comunicação social e por coligações de ambientalistas, fez-me duvidar. Em resposta a isso, a maioria das pessoas que antecipavam o colapso evitaram desafiar as críticas, e concentraram-se mais nas suas redes de pessoas. Entendi a reação. Afinal, eu próprio estava prestes a decidir-me por uma abordagem de vida com menos stress. Mas depois comecei a perguntar-me sobre o que se perderia com estas tentativas coordenadas de condenar quem prevê o colapso social. Mais pessoas investiriam energias em estratégias inúteis, como eu próprio tinha feito durante anos. Mais pessoas perderiam tempo a processar, emocional e intelectualmente, as implicações de um futuro que seria muito diferente do passado. Através da falta de validação da sua angústia relativamente ao futuro, e da supressão de discussões sobre as possíveis implicações, a sua ansiedade desfocada levá-las-ia a serem manipuladas pelas elites (como veremos no Capítulo 13).

11 Antes de mudar a minha perspetiva, o meu foco principal era ajudar a estabelecer formas de acolher processos para um diálogo reflexivo sobre a situação e sobre o que fazer. Queria também que a governança fosse representativa e mais diversificada do que os próprios participantes, para encaminhar a direção do fórum para um maior diálogo internacional.

Antes, pensava que o tempo seria o melhor professor, mas ao ver o quão agressivas, estratégicas e coordenadas eram algumas das críticas à previsão do colapso, percebi que não iriam parar, mesmo que a realidade viesse a provar que estavam erradas. Perguntei-me se deveria continuar com o meu plano de abandonar a educação e a defesa de direitos. Era muitas vezes um trabalho cansativo e emocionalmente perturbador, antes ainda dos ataques ao meu trabalho, carácter e influência. Já não acreditava nas minhas histórias de antes, sobre agência e impacto. Perceber que todo o edifício de conhecimento e cultura do qual faço parte em breve se iria desmoronar, ajudou-me a livrar-me dessas ilusões. Lembro-me de concordar com amigos, que a pior maneira de passar os meus últimos anos de comodidade moderna seria a discutir as provas do colapso social. Os psicólogos com quem tinha falado, sobre o fenómeno de ‘rejeição dos fatalistas’, disseram-me que não poderia mudar a opinião de ninguém através do diálogo público, porque o tema desencadearia medos profundos da morte e da insignificância. Veio-me à cabeça a frase “condenado ao fracasso”.

Os meus planos de começar uma nova fase na vida começaram a parecer-me prematuros. Lia investigação sobre atitudes por todo o mundo, que revelavam que o público em geral, em muitos dos países, esperava futuros difíceis, incluindo o colapso social¹² e, no entanto, o tema estava a ser agressivamente mantido como tabu. Preocupava-me que esta representação emocional, e estas mentiras sistemáticas, trouxessem condições para que atitudes ilógicas e cheias de ódio se propagassem na sociedade, o que seria, provavelmente, impossível de impedir ou mesmo de abrandar, e em vez disso, acelerariam o colapso social. Não agir de acordo com os meus sentimentos sobre este bloqueio cultural não me parecia correto. Se eu não continuasse a trabalhar na base intelectual para uma adaptação profunda à vida, quem o faria? Nesse momento, parecia haver apenas uns poucos académicos com capacidade interdisciplinar e empenhados em trabalhar no tema.

12 Smith Galer, S. (2021). “56 Percent of Young People Think Humanity Is Doomed”. VICE. <https://www.vice.com/en/article/88npnp/fifty-six-percent-of-young-people-think-humanity-is-doomed>

Foi neste momento que a proximidade com os ativistas climáticos moldou os meus passos seguintes. Durante cerca de um ano, discuti o vasto campo da ciência, política e ativismo climático com Clare Farrell, uma das fundadoras do *Extinction Rebellion*. O nosso meio de comunicação preferido era enviar e receber mensagens de áudio no *WhatsApp*. Num fim de semana em que eu estava na praia, ao ver uma nova mensagem, decidi ouvi-la enquanto caminhava à beira-mar. De auriculares nas orelhas, passei no local onde, dois anos antes, o meu jovem amigo Oskar, com a sua mãe, tinha olhado para o mar e chorado pelo seu futuro.¹³ Ao meu ouvido, Clare disse-me: “Está na altura de dares um passo em frente”. Caminhava e, enquanto via as ondas a rebentar, senti uma estranha mas profunda alegria, sabendo que devia retomar a investigação sobre o tema mais insuportável e menos inspirador que existe: o colapso das sociedades modernas. Se estivesse certo, haveria poucas vantagens, e passaria vários anos ‘perdido’ em frente ao portátil a fazer investigação, debilitando a minha visão e condição física, e deixando crescer a barriga e o desespero. Mas tinha de ser feito, e eis-me aqui agora.

Embora em 2018 tenha escrito sobre as alterações climáticas como sendo a razão da inevitabilidade do colapso das sociedades industriais de consumo, a minha conclusão não se inspirou puramente na ciência climática. Baseou-se em décadas de investigação e prática, em múltiplas áreas, a nível nacional e internacional. Graças aos meus conhecimentos sobre o mundo dos negócios, das finanças, da governança, da política e do ativismo, sabia o quão profundamente arraigados estão os nossos padrões de comportamento, e o quão arraigado está o poder. Em particular, sabia que os nossos sistemas económicos e monetários são extremamente exigentes em termos de crescimento. A minha análise incluiria, portanto, toda a gama de fatores que mantêm as sociedades modernas. Seria um grande empreendimento e exigiria um trabalho de equipa.

13 Este momento na praia foi antes de me conhecerem ou de lerem o meu trabalho. A história de como os conheci e de como Oskar levou a sua escola a envolver-se no assunto deste livro foi tema da minha curta-metragem. “Documentary about Children facing Climate Collapse – Oskar’s Quest”. <https://jembendell.com/2020/01/09/documentary-about-children-facing-climate-collapse-oskars-quest/>

Ao escrever estas linhas, três anos depois, não percebi a seca que ia ser, para mim e para meus colegas! Éramos uma equipa interdisciplinar que incluía profissionais das áreas de ecologia, ciência agrícola, da economia heterodoxa, psicologia, ética, física, teologia e jornalismo ambiental. Utilizei uma abordagem chamada “análise crítica de investigação interdisciplinar”, que explicarei no Capítulo 7. Esta abordagem permite-me aproveitar o poder da ciência, sem as restrições das influências culturais, económicas e institucionais, que sofrem os académicos que operam dentro de especialidades únicas, ou para instituições estabelecidas. Estas restrições são amplamente reconhecidas pelos próprios académicos, incluindo um grupo de cientistas de renome, que concluiu que está a ser perigosamente subestimada a possibilidade de um “colapso sistémico global”.¹⁴

Desde 2018, pessoas que apreciavam a ética e o enquadramento da Adaptação Profunda encorajaram-me, justificadamente, a ser mais específico sobre o que queria dizer com o colapso da sociedade, já que existem muitas definições no mundo académico.¹⁵ No capítulo seguinte irei rever estas definições, antes de referir a minha própria. Alguns entusiastas também queriam que suavizasse as minhas conclusões, deste colapso social ser, de facto, ‘inevitável’. Pensavam que deveria moderar a mensagem, tornando-a atrativa e financiável. Não queria que estas considerações influenciassem a minha análise, mas esperava que a minha investigação para este livro conduzisse a um resumo de provas de que talvez as sociedades modernas estão a entrar em colapso. No entanto, à medida que a investigação avançava, descobri que os dados mostravam que as coisas já estavam bem piores do que aquilo que tinha avaliado. Na verdade, nos anos anteriores a 2018 já eram bem piores do que aquilo que eu imaginava. Errei ao concluir que o colapso da sociedade era inevitável, porque já tinha começado quando cheguei a essa conclusão.

-
- 14 Hood, M. (2020). “Scientists Warn Multiple Overlapping Crises Could Trigger ‘Global Systemic Collapse’”. *ScienceAlert*. <https://www.sciencealert.com/hundreds-of-top-scientists-warn-combined-environmental-crises-will-cause-global-collapse?>
- 15 Cumming, G. S. & Peterson, G. D. (2017). “Unifying Research on Social–Ecological Resilience and Collapse”. *Trends in Ecology & Evolution*, 32(9), 695–713. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0169534717301623>

O que está em colapso?

São palavras sérias, e por isso devo esclarecê-las. Em primeiro lugar, estou a falar da maioria das sociedades por todo o mundo. Se quase tudo o que usa é comprado, então o leitor vive naquilo que pode ser descrito como uma “sociedade industrial de consumo”. Tais sociedades baseiam-se na produção em massa de bens de consumo mediante processos industriais, quer seja dentro de determinado país, quer importados. Tal como descreverei mais detalhadamente no Capítulo 1, a maioria das pessoas no mundo de hoje vive numa sociedade industrial de consumo, ou é parcialmente dependente dos seus produtos e serviços. Um aspeto fundamental para estas sociedades poderem ser estáveis, é elas precisarem que o consumo massificado continue a crescer, tal como uma bicicleta precisa de impulso para se manter em equilíbrio.

Na primeira metade deste livro, darei provas de que já estamos a testemunhar o início de um fim desequilibrado dos modos de sustento, habitação, saúde, segurança, prazer, identidade e significado, criados nas sociedades industriais de consumo. Como este processo parece irreversível, a forma mais óbvia de o descrever é através do termo ‘colapso social’. Este termo pode parecer muito repentino e dramático, mas o estudo da história, antiga e recente, indica que o colapso de uma sociedade é, tipicamente, um processo e não um evento. Nos capítulos seguintes, darei evidências para concluirmos que o colapso dos alicerces de quase todas as sociedades industriais de consumo começou a dada altura antes de 2016. Embora haja casos terríveis de colapsos sociais em regiões onde as condições meteorológicas ou os conflitos já estão a causar efeitos verdadeiramente devastadores, o início deste colapso geral passou despercebido até agora.

No próximo capítulo, apresentarei uma análise dos dados dos últimos anos que mostram um declínio, desde 2016, nos principais indicadores da vida das pessoas em todos os continentes povoados do mundo. Esta análise abrange aspetos básicos como a esperança de vida, saúde, rendimentos, educação, entre outros. Esta tendência está a ocorrer em todo o lado, o que indica que existem causas comuns e, portanto, globais. Desde que estes registos começaram, é a primeira vez que, na maioria dos países economicamente avançados, os indicadores estão a retroceder. Além

48 disso, resumo os dados sobre o fracasso da concretização dos chamados Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), com a maioria a retroceder antes do início da pandemia. Apresento uma explicação para todos estes dados, e mostro como as contradições internas, e os seus limites externos, começaram a debilitar o capitalismo a partir de 2015. Continuando com as questões económicas, no Capítulo 2 explico como a pandemia foi usada como desculpa pelos principais bancos centrais do mundo, para apoiar os maiores investidores e multinacionais dos seus países a adquirir ativos internacionais, de forma que tornou inevitável esta contínua inflação. Suponho que este foi um movimento de preparação para o provável desaparecimento dos sistemas monetários existentes, algo que as elites endinheiradas podem iniciar a qualquer momento.

No Capítulo 3, passamos a examinar os fundamentos biofísicos das sociedades industriais de consumo. Exploro o papel da energia para sustentar quase todos os aspetos das sociedades modernas, antes de avaliar a capacidade de abandonarmos os combustíveis fósseis. Infelizmente, uma análise independente conclui que não é possível manter as sociedades modernas num sistema descarbonizado, e que, para isso, seria necessária uma rápida redução da atividade económica. Em qualquer caso, essa redução é necessária devido aos impactos negativos na biodiversidade e na saúde das sociedades industriais de consumo (Capítulo 4). Já existem provas claras de que os problemas da disponibilidade de energia, antes de qualquer conflito, têm afetado os padrões de vida.

Os combustíveis fósseis desempenham um enorme papel na agricultura em escala, enquanto as atuais formas de agricultura têm um impacto negativo na biodiversidade, na saúde (Capítulo 4) e no aquecimento global (Capítulo 5). No Capítulo 6, analiso a robustez dos nossos sistemas alimentares, globais e locais, face à crescente volatilidade do clima, das estações, das alterações das populações de insetos, da sobre-exploração, da perda da camada superficial do solo, da redução dos lençóis freáticos e da acidificação dos oceanos, entre outros fatores. A conclusão a que chego é que existe uma dependência assustadora da produção massificada de alguns cereais essenciais, estando algumas das suas principais fontes ameaçadas por condições meteorológicas extremas, devido ao aumento de irregularidades na corrente de jato [*jet stream*] do hemisfério norte.

Embora as perturbações inevitáveis no abastecimento alimentar pudessem ser atenuadas mediante políticas adequadas, auxiliadas por iniciativas locais e pela cooperação internacional, não vimos isso acontecer, apesar dos avisos feitos desde 2018. As formas dominantes de comunicação social e de governança das sociedades são incapazes de evitar até mesmo os danos catastróficos previsíveis.

No Capítulo 4, analisamos a questão mais ampla das exigências da humanidade relativamente aos recursos naturais do mundo. Resumo dados que indicam que os ecossistemas que fornecem os serviços essenciais a todas as sociedades humanas estão agora a colapsar. Uso a teoria da capacidade de suporte da terra, para qualquer forma de vida, para explicar como, coletivamente, os humanos modernos já ultrapassaram a capacidade do planeta nos sustentar. Referindo estudos sobre ecologia e colapsos civilizacionais do passado, explico como a deflorestação é o motor tanto para o aparecimento de novas doenças nos seres humanos, como para colapsos civilizacionais passados (provavelmente devidos ao aparecimento de novas doenças). Reparo que a defesa contra uma era de pandemias foi a justificação apresentada por alguns cientistas para conduzirem experiências extremamente perigosas com agentes patogénicos. Isto antes de observar como a própria covid-19, e as respostas contraproducentes à pandemia, podem acelerar o colapso de algumas sociedades.

No Capítulo 5, concentro-me naquilo que considero ser a informação mais importante sobre as alterações climáticas: uma combinação da perda de cobertura florestal e dos gases com efeito de estufa na atmosfera causará, em conjunto, um aquecimento adicional e a mudança rápida das estações, condições climáticas irregulares e danos aos ecossistemas, à agricultura e às populações humanas. O facto de a taxa de subida do nível do mar estar a aumentar, significa que as mudanças em todo o sistema climático não são lineares, mas que o ambiente se desestabilizará a um ritmo inédito. Apesar da retórica dos especialistas do *establishment*, estas mudanças não podem ser revertidas, e poderão nem sequer ser abrandadas, face aos danos já causados com o papel da futura atividade das manchas solares e das correntes oceânicas (obviamente fora do âmbito da intervenção humana). Estas alterações climáticas acrescentam ainda mais stress a outros alicerces das sociedades que colapsam.

No Capítulo 7, resumo como as mudanças narradas nos capítulos anteriores se combinam para mostrar o inevitável e contínuo colapso das sociedades modernas. Explico como os cientistas puseram de lado os princípios científicos para argumentarem contra estas conclusões, tornando-se assim em evangelistas da ideologia modernista, sem se aperceberem sequer dos seus pressupostos. No Capítulo 7 também vou além dos aspetos biofísicos das sociedades modernas, para considerar provas de que as bases socioculturais e políticas destas sociedades têm estado a decair nos últimos anos. Por exemplo, sondagens de opinião revelam que, na maioria dos países, houve um declínio dramático no apoio às instituições públicas. Descrevi estas tendências como representativas da ‘desarticulação’, ou ‘descimentação’ daquilo que mantém unidas as sociedades modernas, à medida que as pessoas estão, consciente ou inconscientemente, a dar sentido às fissuras superficiais e às fraturas nos alicerces das sociedades em que vivem.

No artigo original ‘Adaptação Profunda: Um Mapa para Navegar a Tragédia Climática’ [*Deep Adaptation: A Map for Navigating Climate Tragedy*], expliquei que esperava ver pessoalmente sinais de colapso social em quase todo o mundo, até 2028. Alguns críticos estavam certos em argumentar que se tratava apenas da minha opinião, e não de um facto comprovável mas, neste livro, apresento provas credíveis de que o colapso já começara antes de 2016. Agora percebo que o meu erro naquela altura foi presumir, como tantos outros, que qualquer colapso seria só um acontecimento dramático. Embora o colapso já tivesse começado, através do enfraquecimento das estruturas que sustentam as sociedades modernas, os seus efeitos não foram imediatamente perturbadores para pessoas com estilos de vida privilegiados. É como se estivéssemos todos num grande navio que já bateu no iceberg, mas que continua a avançar, com passageiros e funcionários a não querer incomodar os outros ao falar do barulho estranho e do convés inclinado. A maioria sente o navio como estando apenas parcialmente avariado. No momento em que escrevo este artigo, por exemplo, na maior parte das vezes, a maioria ainda tem dinheiro nas contas bancárias e cartões que funcionam, e na maior parte do tempo podemos comprar o que precisamos. Se não perguntamos o que está a acontecer debaixo da linha de água, podemos continuar a ignorar a situação por mais algum tempo.

No meu caso, quando concluí que já estamos a viver o colapso das sociedades modernas, fui capaz de compreender, de maneiras novas, o que estava a acontecer à minha volta. Estar a viver numa era de colapso deu-me subitamente uma lente conceptual para analisar os acontecimentos na economia, na política, na cultura e na psicologia. Ajudou-me a entender porque é que algumas pessoas se entregavam à política da nostalgia, enquanto outras adotavam teorias da conspiração e outras seguiam servilmente a autoridade e o que achava a maioria (o que veremos mais à frente no Capítulo 13). Também compreendi porque é que os meios de comunicação social condenavam o pensamento livre, e porque é que os banqueiros centrais estavam a ajudar as empresas numa corrida neocolonial pelo poder global (Capítulo 2). O pano de fundo do meu processo de investigação foi a pandemia, e a forma como o estado e a comunicação social começaram a comportar-se de forma autoritária. Não significa apenas coerção ou ameaças, mas também o uso de afirmações científicas fracas, ou francamente falsas, para justificar denegrir pessoas pelas suas opiniões divergentes. O que também notei, durante esse período, foi que os críticos anti-catastrofistas [*doomers*] mais extremos foram também os mais vocais na promoção de um programa autoritário relativamente à pandemia. Percebi que o fator comum era uma fidelidade à atual visão ‘hegemónica’, segundo a qual as sociedades progridem, e os humanos estão em controlo. Estas constatações levaram-me a concluir este livro, para que o leitor também possa ver o nosso mundo através das lentes do colapso em curso.

Porque é que esta perspetiva não é mais conhecida?

Se está a perguntar-se se sou alguém em quem pode acreditar, ou porque é que a ideia de que as sociedades modernas já estão a entrar em colapso não foi apresentada antes, faz perguntas pertinentes. Talvez se questione, de uma maneira mais geral, porque é que estas ideias não são discutidas nos meios de comunicação social, ou até, de um ângulo totalmente diferente, se a minha visão deprimente da situação não poderia ser só mais uma tentativa de promover o medo para controlar as populações.

Vamos começar com esta última ideia. As elites não estão a inventar as ameaças que descrevo neste livro. Em vez disso, a maioria dos que têm dinheiro e poder, e dos que trabalham para eles, têm-nos distraído da gravidade da situação. Promovem a ideia de que os problemas podem ser resolvidos com tecnologia, capital, empresas, bilionários, gasto governamental e liderança carismática, enquanto nós fazemos obedientemente o que nos mandam, e esperamos pelo melhor. As elites não querem que percamos a ‘esperança’, de que as sociedades modernas possam responder eficazmente à situação difícil que enfrentamos, pois significaria que rejeitamos os sistemas e as instituições que mantêm o seu poder e privilégio. Ficaríamos rebeldes! Se ler a análise completa neste livro, verá como pode desmontar este argumento da obediência às altas esferas.

Os académicos que o público ouve falarem sobre cenários catastróficos nos meios de comunicação social, tanto na imprensa tradicional como nas redes sociais, são aqueles financiados pelos multimilionários da tecnologia para analisar possíveis problemas relacionados com asteroides e inteligência artificial.¹⁶ Durante anos, o foco no ‘risco de extinção’ minimizou os riscos decorrentes das fundações biofísicas descritas

16 Podia achar que a pesquisa sobre o tema deste livro seria bem financiada. No entanto, tem sido o primo pobre dos académicos que se focam no tipo de riscos que fascinam os “*tech bros*”, ou seja, os amigos da tecnologia. Apesar da negligência por parte do *establishment*, o nível de interesse no colapso por investigadores independentes é tão grande que os vários *websites* que reúnem investigação e pessoas têm continuado ao longo dos anos. Por exemplo, se pesquisar “*deep adaptation*”, “*collapsology*” ou “*transformative adaptation*” [adaptação transformativa], encontrará vários recursos e redes. Por outro lado, a comunidade de *X-risk* (que investiga riscos existenciais) parece ser mais dependente do patrocínio dos tecnocratas para sobreviver. Por exemplo, embora estivesse inicialmente interessado em conhecer a “*living bibliography about existential risk and global catastrophic risk*” [“bibliografia em expansão sobre risco existencial e risco catastrófico global”], anunciada grandiosamente numa revista científica, ao visitar o seu site (*x-risk.net*), descobri que tinha sido transformado num site chinês de jogo. Shackelford, G. E., Kemp, L., Rhodes, C., Sundaram, L., OhEigeartaigh, S. S., Beard, S., ... & Sutherland, W. J. (2020). “Accumulating evidence using crowdsourcing and machine learning: A living bibliography about existential risk and global catastrophic risk”. *Futures*, 116, 102508. <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016328719303702>

neste livro.¹⁷ Esta perspectiva não se encaixa na sua esperança de uma utopia tecnológica. Embora reconheça preocupações importantes sobre a regulação da Inteligência Artificial, este livro não trata do leque de ameaças teóricas futuras para a civilização ou a nossa espécie. Pelo contrário, trata dos prejuízos que estão a acontecer, neste momento, e que continuarão até ao colapso total, sem que possamos controlá-los ou revertê-los, embora, esperemos, possamos abrandá-los e vir a recuperar deles. No Capítulo 7, explicarei alguns dos fatores ligados aos campos de investigação que mantiveram uma discussão honesta sobre a situação escondida do público. Mesmo que nos chegassem as más notícias, não filtradas, das investigações dos especialistas, provavelmente não lhes daríamos suficiente atenção, porque vivemos numa cultura moldada pelos interesses das elites do dinheiro, tanto do passado como do presente. Nos Capítulos 2 e 10, aprofundo este raciocínio. Simplificando, o expansionismo dos sistemas monetários formata os meios de comunicação social, a publicidade, as redes sociais, as especializações científicas, as tecnologias, os mercados e a política que, em conjunto, formatam a nossa vida quotidiana, reproduzindo pressupostos e valores profundos que incluem o individualismo, o materialismo e o progresso. Estas ideias são então codificadas em hábitos, leis e orçamentos, que por sua vez incentivam atitudes e comportamentos prejudiciais a nível individual e organizacional. Como explicarei no Capítulo 10, os sistemas dominantes de comunicação e organização das sociedades modernas foram construídos, e encorajam alguns dos piores aspetos da natureza humana. Esta é a principal razão pela qual, coletivamente, os seres humanos nas sociedades modernas não fizeram caso de mais de cinquenta anos de informação sobre a destruição causada pelo nosso modo de vida, nem olham para a sabedoria do passado na construção de sentido (que analisamos no Capítulo 9).

17 Descrevo aqui um exemplo dos graves mal-entendidos sobre a ciência ambiental: Bendell, J. (2022). “The biggest mistakes in climate communications, Part 1: looking back at the ‘Incomparably Average’”. *Brave New Europe*. <https://braveneweuropa.com/jem-bendell-the-biggest-mistakes-in-climate-communications-part-1-looking-back-at-the-incomparably-average>

Explicarei neste livro a forma como alguns estrategas militares analisam a situação, e desenvolvem ideias assustadoramente contraproducentes sobre como reduzir ameaças (Capítulo 13). Precisamos, por isso, e urgentemente, de uma maior participação pública neste tema. Infelizmente, à medida que mais partes do mundo entram numa era de perturbação e ansiedade, surge um novo fator que leva à negação da realidade. Os psicólogos chamam-lhe ‘noção de mortalidade’ [*mortality salience*], que leva ao fenómeno da ‘defesa da cosmovisão’. Simplificando, significa que quando nos tornamos mais conscientes da nossa possível ou provável morte, podemos ficar mais profundamente ligados às histórias, de origem cultural, sobre nós mesmos, a sociedade e o mundo, tornando-nos mesmo extrema e illogicamente apegados.¹⁸ Infelizmente, isto significa que algumas respostas das autoridades aos distúrbios podem ser ilógicas e contraproducentes, como vimos nos últimos anos.

Este tipo de ‘defesa da cosmovisão’ pode infiltrar-se, despercebidamente, naquilo que os psicólogos chamam a ‘negação implicativa’, que acontece quando reconhecemos certa informação, mas não mudamos em conformidade com ela, como seria de esperar. Acredito ser por isso que alguns especialistas preferem descrever as sociedades a enfrentar algo genericamente preocupante, a que chamam de mega-ameaças, policrise, permacrise, multicrise ou metacrise. Ou dizem que as sociedades estão em declínio, em rutura ou em transição, em vez de em colapso. Dizem também que o colapso das sociedades industriais de consumo é provável, mas ainda evitável (Capítulos 7 e 13). Os dados neste livro mostram que estas perspetivas podem ser vistas menos como descrições da realidade, e mais como esforços para negociar com a morte da sua cosmovisão, de modo a manter viva parte da sua identidade. Em vez disso, ao enfrentarmos os problemas, e permitirmos que o seu peso desfaça o nosso antigo sentido de identidade, pode emergir algo novo daí.

18 Pyszczynski, T., Solomon, S., & Greenberg, J. (2015). “Thirty years of terror management theory: From genesis to revelation”. *Advances in experimental social psychology*, 52, 1-70. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0065260115000052>

Deixar que a emoção flua

55

Então, quão mau vai ficar, e quando? Muita gente me perguntou isto nos últimos anos. É impossível prever, e depende de onde mora. Se a sua água de nascente estiver a ser roubada pela Coca-Cola, ou a sua sociedade estiver a ser corrompida pelos disparates nos *media*, então o colapso da economia global poderá aliviar alguma pressão, e oferecer-nos uns anos de uma vida mais bonita, mas é uma tragédia horrível se for um agricultor de subsistência que enfrenta o aniquilamento económico devido à seca agravada pelo aquecimento global. Se estas secas tiverem levado a sua sociedade para a guerra, é ainda pior. Em comparação, os sintomas de colapso nas partes mais ricas do mundo podem não parecer assim tão graves. Por exemplo, a sua pacífica cidade europeia pode agora ter uma câmara de extrema-direita porque os seus vizinhos foram levados a culpar os refugiados que chegam de regiões de conflito. Ou a sua velha amiga hippie decidiu subitamente que as alterações climáticas são uma mentira, apesar de ter sobrevivido ao clima mais estranho de sempre. Em qualquer caso, as contas de ambos não param de subir, e não dão sinal de que venham a descer, devido às várias crises que descrevo neste livro, e mesmo que se mantenham os sistemas básicos, o futuro parece precário. Olhar para o futuro por mais de um ou dois anos às vezes pode parecer demasiado assustador. É por isso que tanta gente está a decidir não ter filhos, inclusive eu próprio.

Trabalhar neste tema nos últimos anos, às vezes, entorpecia-me de dor. Olhando para trás, para os meus apontamentos de quando tomei consciência da situação, lembro-me do choque e da confusão que senti. Debati-me com a questão de saber a quem contar sobre a minha nova consciência. Por exemplo, deveria contar aos meus pais, com mais de 70 anos, tudo o que pensava saber? À medida que o meu trabalho começou a tornar-se mais conhecido neste tema e a Extinction Rebellion trouxe semelhantes preocupações para os ecrãs de televisão, em abril de 2019, começamos a conversar sobre o quão má a situação poderia tornar-se. Escrevi-lhes uma carta, que incluía o seguinte.¹⁹

19 Removi a parte do conteúdo pessoal. Olhando para trás, percebo que era uma carta bastante formal, o que mostra que tentava comunicar de forma invulgarmente séria.

“Tenho dito às pessoas para não acreditarem na minha palavra. Eu não acreditaria. Mas não espero que leiam todos os pormenores científicos sobre o clima e todos os estudos sobre o risco de colapso. Para ajudar a compreender que este não é apenas um ponto de vista marginal, poderia falar-lhes dos diretores de empresas de consultoria globais, de antigos chefes de agências das Nações Unidas, altos funcionários da UE, entre centenas de outros que têm entrado em contacto comigo, em privado, concordando com as minhas conclusões. Em vez disso, podemos simplesmente recordar a estranheza dos gelados e dos banhos de sol no Reino Unido durante o mês de fevereiro que agora acabou. O clima mudou e continuará a mudar, de forma a desestabilizar tanto a natureza selvagem como a agricultura.

Vem o choro. Há desânimo. Há desespero. Há raiva. Mas, depois disso, vale a pena lembrarmos que não estamos em perigo iminente. Não há necessidade de pânico. Ainda temos alguns anos pela frente, o que não significa que nos vamos safar da situação. Penso que não vamos conseguir. Quero com isto dizer que é provável que soframos preços exorbitantes, escassez de bens de primeira necessidade, políticas reacionárias e autoritárias, surtos de agitação civil e guerras internacionais, que resultarão dessas tensões.

Embora a raiva e a culpa sejam naturais, podem ser meios de evitar a nossa reconciliação com a própria vida, os arrependimentos, as mágoas, as limitações e a morte. É algo a que todos podemos dar prioridade agora, em vez de o deixarmos para a hora da nossa morte. Podemos também começar a preparar-nos, e a tentar tornar as coisas menos más.

A primeira coisa que acho que podem considerar, é planearem viver numa situação em que a comida seja tão cara que acabem por precisar de rações do governo, ou então de vender coisas para comprar comida. Nesse contexto, cultivar mais comida seria útil, mas não é fácil em qualquer escala significativa, especialmente quando se envelhece. Penso que a vida em comunidade é, portanto, útil para partilhar os custos do aquecimento, da luz e da alimentação e trabalhar em conjunto para cultivar mais. Sei que a ideia de uma grande

mudança de estilo de vida parece ser uma escolha pouco atraente, se for apenas para nos protegermos de uma crise futura, com data de chegada desconhecida.

A segunda coisa a considerar é que este tipo de ‘preparação’ dificilmente funcionará, especialmente se a situação for suficientemente má para afetar tudo e todos. Não vamos querer ignorar os vizinhos esfomeados, nem teríamos essa opção. Por isso, a necessidade mais urgente é encontrar formas de viver calmamente, com esta consciência de perturbação, de descalabro, e de colapso final. Um dos nossos maiores medos é o de uma morte dolorosa ou assustadora. Pergunto-me se isto não significa que devemos procurar obter drogas que aliviem a dor, como a morfina e, no entanto, não sei quanto tempo duram nem quais são as leis. Também espero que não seja algo que tenhamos de fazer tão cedo.

A terceira coisa é, provavelmente, a mais importante: encontrar outras pessoas que estejam a falar sobre o assunto. Estou a criar uma rede para ligar pessoas que também têm esta consciência, e que querem explorar em conjunto o que isto significa nas suas vidas. Algumas estão a envolver-se em ativismo, para tentar mudar as políticas governamentais para abrandarmos e prepararmo-nos para estas perturbações. Sem falarmos com as pessoas, acho que seremos outra vez empurrados para a negação por uma comunicação social que nos diz para sermos otimistas, esperançosos e para continuarmos a fazer compras e a cumprir as regras.

Pai, quando falámos pela última vez sobre este assunto, disseste que eu devia dar alguma esperança às pessoas. Pensei sobre isso, e acredito que a esperança age como uma fuga à realidade. Para a maioria das pessoas, trata-se de desejar que não seja assim. Estou a descobrir que não preciso de esperança. Em vez de esperança, tenho a noção do que é importante na vida, independentemente do que possa vir a acontecer, que para mim tem sobretudo a ver com verdade, amor e coragem. Penso que a esperança pode, por vezes, ser uma mentira para adiar a mudança. Em vez disso, sei que muitos farão coisas boas no meio de todas as coisas más.”

Não enviei a carta. Olhando para trás, lembro-me agora que não queria sugerir ideias sobre como reagir, que não lhes fossem facilmente acessíveis. Podia significar que, simplesmente, se iam sentir mal, e depois afastariam tudo da consciência. Foi pelas mesmas razões que recusei aparecer na televisão durante a ‘rebelião internacional’ de 2019. Não queria mentir sobre a minha visão, mas não queria que as pessoas que viviam sozinhas a ver televisão, de repente, soubessem que estão vulneráveis, sem ter meios de falar sobre o assunto, encontrar apoio, e explorar as suas opções.

Em vez de enviar esta carta aos meus pais, lembro-me de ter decidido estar mais ligado a toda a minha família, criando o nosso primeiro grupo de *WhatsApp*, abraçando ironicamente a tecnologia devido a uma sensação de perda iminente dessas capacidades. Avançando para 2023, os tempos certamente mudaram. As pessoas já sofreram perturbações massivas e a vulnerabilidade social está na mente de todos nós. Além disso, ao ver como os governos, os comentadores e os conspiradores mentiram às pessoas para manipularem as suas emoções, pontos de vista e comportamentos, senti o apelo para partilhar a minha análise, de forma mais completa, com quem quisesse ouvir.

“Há muitas coisas que só podem ser vistas através dos olhos que choraram”, disse Oscar Romero, o falecido bispo de San Salvador. O que nos permitimos ver com os nossos olhos, enquanto choramos, é essencial para descobrirmos uma nova base para participar na sociedade de forma positiva. À medida que as nossas antigas histórias de sociedade, e do futuro, se desfazem, pode haver uma dolorosa, mas ‘positiva desintegração’ das nossas histórias pessoais. No Capítulo 12, veremos evidências de que, com a orientação correta de outras pessoas, da natureza e do transcendental, nos podemos reconstituir para uma realidade diferente. Nesse sentido, o desespero não é um luxo, é mais um laxante para purgarmos os nossos disparates. Existe um lugar, para lá do desespero, onde podemos começar de novo, mas ao tentar evitar o desespero, as pessoas muitas vezes não se permitem lá chegar.

Quando algumas das pessoas que falam publicamente sobre riscos existenciais nos dizem “Não é tarde demais”, devemos sempre perguntar: “Não é tarde demais para quê, para quem?” Só porque é tarde demais para

mantermos as sociedades modernas, não significa que seja tarde demais para influenciar o futuro. Só porque pode ser tarde demais para influenciar significativamente esse futuro, não significa que seja tarde demais para aprender a deixar de participar em comportamentos destrutivos ou delirantes. Na verdade, precisamente porque sentimos a nossa mortalidade de forma mais imediata, isso pode aumentar o nosso sentimento de gratidão pela experiência da vida, para podermos viver de forma mais gentil e sábia no futuro. Não é inevitável negarmos esse conhecimento, reprimirmos as emoções e apegarmo-nos mais fortemente às nossas cosmovisões. O desespero pode afastar-nos disso. Podemos descobrir um desejo renovado, e uma capacidade de envolvimento vivo com o presente, incluindo a criatividade e a diversão, precisamente graças ao colapso das antigas histórias, pessoais, da sociedade e do mundo. Se às vezes se sente assim, então não está sozinho, pois a investigação descobriu que é uma forma fundamental das pessoas reagirem às últimas notícias e análises sobre situações catastróficas para a humanidade. Na verdade, provou ser o combustível para uma nova onda de ativismo ambiental nos últimos anos, e o que descrevo no Capítulo 12 como um novo fenómeno de catastrofistas [*doomers*] criativos e com compromisso social.²⁰

Do arrependimento à radicalização

Se o leitor é jovem, fico grato por me estar a ler. E lamento o meu próprio papel numa estratégia equivocada ao longo das últimas décadas. Embora os profissionais ambientais, como eu, não tenham particularmente a culpa de que a situação se tenha tornado tão grave, durante demasiado tempo fingimos estar a progredir. Durante trinta anos, escolhemos pensar positivo em vez de encarar a dura realidade. Dediquei anos da minha vida à sustentabilidade empresarial, trabalhando horas a fio e negligenciando a minha vida pessoal, mas era uma ilusão, da qual parte de mim sempre teve consciência. Por mais improvável que fosse, precisávamos

20 Kassouf, S. (2022). "Thinking catastrophic thoughts: A traumatized sensibility on a hotter planet". *The American Journal of Psychoanalysis*, 82(1), 60-79. <https://link.springer.com/article/10.1057/s11231-022-09340-3>

60 de uma revolução que desse às sociedades modernas a oportunidade de mudar o suficiente para evitar o colapso ambiental. Parte da razão pela qual me enganei, foi o facto de não ter dedicado mais tempo a avaliar pessoalmente a ciência sobre as alterações climáticas. Achava que os especialistas estavam a fazer o seu trabalho e que os processos da ONU tinham tudo controlado. Quando me assustei com o que estava a ver no clima mundial e reservei tempo para o estudar mais a fundo, já era tarde demais para evitar a catástrofe (Capítulo 5). Falhámos, e é uma situação injusta que as gerações mais jovens devem viver agora.

Sei que alguns jovens vão sentir raiva de pessoas como eu, que parecem aceitar um destino com o qual têm de viver, mas penso que o oposto também é verdade. Se o leitor é jovem, terá de viver com o futuro que virá, não com o futuro que os mais velhos preferem imaginar, ao rejeitarem conclusões realistas como simples pensamentos pessimistas. Prefiro ser o mais direto possível com toda a gente, incluindo os jovens, sobre as escolhas difíceis que agora temos de fazer. Por exemplo, a análise conclui que é improvável que a descarbonização das sociedades industriais seja possível (Capítulo 3) e, mesmo que o fosse, que conseguisse evitar a catástrofe das alterações climáticas (Capítulo 5). Os jovens profissionais precisam de compreender que muita gente vive vidas ecologicamente mais leves do que eles, incluindo as comunidades indígenas, e sofrerão as agressões de empresas que procuram obter materiais para tentar, em vão, sustentar as sociedades modernas nas quais vivemos. O jovem Jem era seduzido pelo estatuto e por um sentido de agência, enquanto os jovens ativistas de hoje são abordados para promover programas que defendem o poder (Capítulo 13). Em vez disso, a esperança e a perspetiva podem ser encontradas de outras formas, tal como até podemos encontrar alegria e crescimento pessoal na reforma intencional de muitos aspetos da vida de consumidores. Só seria sentido como uma derrota se aceitássemos os objetivos inseguros das gerações mais velhas.

Pode parecer grosseiro dizer isto, mas o colapso surge também como uma oportunidade, e isto torna-se claro quando percebemos que as múltiplas abordagens às mudanças ambientais, ao longo das últimas décadas, ficaram muito aquém dos objetivos, e que existe uma razão maior para o seu fracasso. Pessoas que querem mudar a sociedade tentaram a

política, seja local, nacional ou internacional. Tentaram melhorar a base de conhecimento sobre os problemas. Tentaram aumentar a conscientização da sociedade. Tentaram aproveitar o poder da tecnologia, dos negócios e da finança. Tentaram viver de forma diferente. Mas nada disto funcionou em grande escala. Como os sistemas da sociedade moderna foram imunes a estas táticas ao longo de décadas, se não estivessem em colapso agora, não haveria qualquer possibilidade de qualquer mudança real. Para compreendermos plenamente esta oportunidade, é necessário compreendermos as causas do problema, e porque é que as coisas não mudaram. É por isso que na segunda metade deste livro presto muita atenção às causas mais profundas.

As sociedades de consumo industrial satisfazem as necessidades e desejos dos cidadãos por meio de sistemas de produção e comércio massificados. Estes sistemas requerem enormes quantidades de energia, em comparação com as capacidades do corpo humano, e que devem vir de algum lugar (Capítulo 3). As tecnologias alimentadas por essa energia permitem a extração de recursos naturais, tanto renováveis como não renováveis, em escalas que de outra forma seriam impossíveis para os seres humanos. Por si só, esta situação comporta os riscos de ultrapassarmos a capacidade do planeta para sustentar a humanidade (Capítulo 4). Contudo, a principal característica destas sociedades é que foram concebidas para se expandirem eternamente, o que se deve à forma como os sistemas monetários foram constituídos. Contrariamente aos mal-entendidos populares, bem mais de 95% de todo o dinheiro das economias modernas é emitido inicialmente como dívida pelos bancos privados, quando concedem empréstimos ou compram obrigações. O dinheiro da sua conta bancária não corresponde a nada físico, e representa simplesmente o valor numérico atual de uma promessa, do banco para si, que pode ser transferida para outros bancos que participam do mesmo sistema. A forma como o dinheiro é emitido como dívida, e depois acumulado debaixo do controlo de uma minoria de participantes em qualquer economia, cria na economia um ‘imperativo de crescimento monetário’. Por outras palavras, a menos que os bancos emitam cada vez mais novos empréstimos para novas atividades económicas, a oferta monetária diminui ao longo do tempo, à medida que os empréstimos existentes são pagos. Portanto, em

62 vez de atingir uma dimensão estável, qualquer economia tem de continuar a crescer (que explicarei mais detalhadamente nos Capítulos 1 e 2). Esta lógica expansionista significa que todos nós, enquanto trabalhadores, empresários, investidores e eleitores, somos constantemente incentivados, não só a expandir a atividade económica, mas também a encontrar novas formas de mercantilizar a vida naquilo que pode ser comprado e vendido. O publicitário que pretende fazer sentir inveja com um determinado produto, o angariador da caridade que quer fazer com que um grande patrocinador nos pareça ético, o jornalista que, na sua rápida busca pela atenção das massas, evita a análise séria, o cientista que pesquisa a saúde de forma a dar oportunidade ao lucro empresarial, o pai que nos diz que temos de subir na escada da propriedade, ou o político que diz que precisamos do crescimento económico para financiar serviços públicos, todos eles expressam pensamentos e comportamentos que são os efeitos a jusante de uma sociedade baseada no dinheiro da dívida expansionista, ao serviço daquilo que chamo ‘poder do dinheiro’ [*Money-power*] (e que exploro em profundidade no Capítulo 10).

Com ‘poder do dinheiro’ refiro-me ao complexo de pessoas, organizações, recursos, normas e regras que mantém os sistemas monetários ao serviço dos ricos. Ao longo da história, o poder do dinheiro, o poder do dinheiro, provou ser resiliente. Embora tenha acabado de descrever os sistemas monetários modernos, havia frequentemente lógicas expansionistas incorporadas nos sistemas monetários mais antigos, uma vez que muitos dos que controlavam esses sistemas queriam acumular mais poder e recursos. Após estudar a história dos sistemas monetários durante uns anos, concluí que indivíduos usaram as mais recentes inovações tecnológicas para explorar os outros para interesse próprio, através das evoluções nos sistemas monetários. Em média, foram autorizados a fazer isso graças a um mau entendimento público destes sistemas, e à capacidade daqueles com poder financeiro para comandar a força em seu nome. É algo que se mantém até hoje.

A instituição social do dinheiro é um mecanismo para uma forma de organização social onnipresente e onnipotente. Significa que o poder do dinheiro molda as sociedades de formas muito mais profundas do que o expresso pela palavra ‘governança’. O papel específico do dinheiro

significa que não é completamente um sinónimo de capitalismo. É um Império dos poderes monetários, onde o domínio, acima e para além do poder de qualquer governo, significa realmente que aqui a palavra ‘Império’ é a mais apropriada. Não é um Império dos Estados Unidos, ou do ‘Ocidente’ (ou de qualquer estado-nação), mas um Império das instituições do capital global, e daquelas que estas financiam. Os estados-nação servem como administradores e executores deste Império global.²¹ Como as normas e valores que codifica, em interesse próprio, permeiam todos os aspetos da vida das pessoas afetadas, a sua influência pode ser descrita como uma forma de colonialismo ou de imperialismo. Ao fazê-lo, o poder monetário naturalmente alimenta e nutre um conjunto de normas e valores descritos na sociologia com os grandes termos de ‘patriarcado’ e ‘modernidade’. Descobri que pode ajudar enormemente, reconhecer essas normas e valores limitantes. Portanto, embora explique mais sobre estes conceitos interligados no Capítulo 10, tiro um minuto para mencioná-los aqui, antes de concluir as minhas sugestões sobre o quê, e quem, podemos culpar pelo colapso em curso, e como isso apresenta novas oportunidades para a ação social.

O patriarcado descreve uma cultura e uma ordem social onde as características consideradas masculinas são consideradas mais normais, e de maior estatuto, do que as que não o são, o que reforça o poder relativo das pessoas com estas características. Tanto os homens como as mulheres participam na família e na sociedade de forma a manter uma ordem social patriarcal. Pode ser incrivelmente subtil, como por exemplo o facto de as mulheres segurarem mais frequentemente os meninos virados para o grupo do que as meninas, ou o facto dos ursinhos de peluche serem normalmente vistos como sendo do sexo masculino, a menos que lhe tenham cosido umas grandes pestanas nos olhos. Alguns historiadores argumentam que o desenvolvimento da agricultura deu origem ao patriarcado, quando a terra começou a ser controlada de novas formas e as hierarquias sociais cresceram através do processo. A forma como o poder do dinheiro tanto ganha como dá, em relação ao patriarcado, é complexa. Um exemplo disto é a forma como domínios de atividade que

21 Hardt, M. & Negri, A. (2000). *Empire*. Harvard University Press.

64 não são facilmente transformados em transações de mercado também não são recompensados pelo poder do dinheiro, como o trabalho doméstico, habitualmente, ou anteriormente, realizado pelas mulheres.

O patriarcado é visto na sociologia como um pré-requisito para a ascensão da Modernidade. Descreve uma série de normas, atitudes e práticas, que se espalharam após os desenvolvimentos intelectuais e científicos no período do século XVIII chamado 'O Iluminismo'. A relação com o patriarcado inclui fenómenos que a cultura considera abordagens mais masculinas, como dar prioridade àquilo que pode ser medido, em vez do que pode ser sentido. Embora alguns sociólogos argumentem que o período desde 1950 tem sido cada vez mais 'pós-moderno', o pressuposto da Modernidade manteve o seu domínio na estruturação das sociedades, e espalhou-se massivamente por todo o mundo até mais recentemente. Quando se considera que a Modernidade se espalhou através da globalização das relações capitalistas, então podemos reconhecer as qualidades expansionistas, colonizadoras de mentes, e concentradoras de riqueza, desta ordem social. Portanto, neste livro, irei referir-me a esta como Modernidade Imperial: o conjunto interligado de sistemas políticos, económicos e culturais que moldam a nossa vida quotidiana para favorecer a acumulação de poder pelas elites. É o aparelho ideológico de um Império global de poder, que se consolidou há pouco mais de 30 anos. Embora o desenvolvimento desta ideologia, ou mesmo deste paradigma e da sua dinâmica extrativista tenha sido iniciado pelo 'Ocidente', a Modernidade Imperial globalizou-se durante décadas, e algumas das suas versões mais extremas encontram-se hoje em algumas metrópoles do Sul Global.²²

Uma das maneiras importantes como a Modernidade Imperial influencia as nossas mentes é moldando as nossas perceções da natureza. Considerar o mundo para além do humano, sejam as formas de vida, paisagens ou oceanos, como fenómenos menos vivos que o humano é um pré-requisito para algumas atitudes e comportamentos. Podemos descrever isto como a 'dessacralização' da natureza, que nos entorpece emocionalmente para a dor na natureza, ou para a sua perda. Quando nos

²² Nos Capítulos 8, 9 e 10 darei referências da sociologia para as ideias aqui apresentadas.

consideramos superiores, podemos sentir-nos justificados em dominar e explorar a natureza; uma forma hierárquica de antropocentrismo que poderia ser rotulada de ‘antropossupremacia’.

65

A liberdade das fábulas falidas

Quando aceitamos que as sociedades modernas começam a entrar em colapso, pode levar-nos a uma visão crítica dos sistemas e das ideologias dominantes que causaram toda esta confusão, nos distraíram dela e canalizaram as suas respostas para décadas de medidas ineficazes. Esta compreensão significa começarmos a libertar-nos dos limites do respeito pela sociedade tal como ela é. Portanto, podemos começar a ver e a escapar da Modernidade Imperial, que perpetuamos em nós mesmos. Notei em mim próprio e nos outros, que o colapso de antigas cosmovisões, identidades e até de narrativas sobre a natureza dos significados, desencadeia renovados desejo e capacidade para um envolvimento mais vivo com o presente, incluindo criatividade e diversão. A oportunidade do colapso é, em parte, o abandono de velhas narrativas sobre o eu, a sociedade e o mundo, para podermos ver o que emerge a seguir (exploro isto com exemplos no Capítulo 12).

Este processo de colapso, libertação e reconstituição pessoal, também é importante para o futuro, porque reduz a probabilidade de perpetuarmos os valores e sistemas que vieram a causar o problema. No entanto, muitas pessoas querem evitar qualquer colapso pessoal e optam, assim, por enquadrar a situação como formas de ‘crise’, conforme descrevi anteriormente. Algumas reconhecem a desestabilização cultural e chamam-na de ‘crise de significado’. O que estas discussões podem estar a ignorar é que a crise de significado agora acontece mais intensamente porque se intui o colapso do ‘significado’ mais difundido e incontestado, que é a noção de progresso perpétuo (Capítulos 7 e 8). O declínio do padrão de vida desde 2016 contribui para esta experiência (Capítulo 1), antes ainda dos efeitos da ansiedade dos desafios ambientais, de saúde, e políticos (Capítulo 7).

Não é assim tão fácil deixarmo-nos ir. A ‘defesa da cosmovisão’ tem surgido, para alguns, quando consideram a possibilidade do colapso social, significando que se apegam ainda mais às várias sub-ideologias

66 da Modernidade Imperial, como o progresso, o controlo, o poder tecnológico e uma noção espartilhada de conhecimento científico. Como acontece com todas as ‘defesas da cosmovisão’, este apego pode levar a perspetivas e comportamentos ilógicos, mesmo dentro do enquadramento da cosmovisão que está a ser defendida. Os principais cientistas da climatologia, por exemplo, têm abandonado o conceito científico normal de falsificação/refutação, para imaginar cenários mágicos onde a tecnologia nos salva a todos, e se mantém o progresso (Capítulos 5, 6, 7 e 13). De forma mais geral, nos últimos anos, temos visto pessoas a respeitar cegamente as autoridades e as empresas, ignorando assim a diversidade da opinião científica, para depois se comportarem de forma tribal perante as escolhas pessoais na saúde, ao mesmo tempo que dizem que estão a ‘seguir a ciência’. Descrevo esta forma fanática e ilógica de modernidade como ‘sobremodernidade’. Tal como acontece com todos os pensamentos fanáticos vindos de uma ‘defesa da cosmovisão’, pode levar a ideias e a comportamentos violentos (Capítulo 13).²³

Existem outras maneiras de nos tornarmos misantropos, de alimentarmos um desprezo pela humanidade em geral. Quando se testemunha a escala de destruição do planeta Terra por parte dos humanos modernos, podemos tornar-nos misantropos. Se não reconhecermos a particularidade dos sistemas que nos manipularam para expandir comportamentos destrutivos e exploradores, então assumimos que a natureza humana é, *per se*, culpada de tudo. Esta misantropia reflete uma falta de consciência da profundidade e amplitude das culturas humanas, que antes das sociedades modernas viviam numa relação autossustentável com a natureza. Por isso, baseei-me na arqueologia e na antropologia recentes para debater, neste livro, a natureza fundamental do ser humano e das sociedades. Esta investigação apoia a visão de que o colapso das populações humanas nem

23 Uma filosofia particularmente estranha, que poderia ser um exemplo de defesa de uma cosmovisão sobremoderna, é chamada de “longo-prazismo” [*longtermism*]. O seu desenvolvimento e fama foram apoiados a tal ponto pelos multimilionários da tecnologia que, sem este apoio, desconfio que nem se tornasse muito conhecido. Usando números hipotéticos de possíveis seres humanos futuros, considera que as opiniões das elites sobre o que é importante na vida é mais importante do que as necessidades básicas e o bem-estar das pessoas que vivem hoje (Capítulo 13).

sempre foi inevitável devido a alguma falha conceptual do *homo sapiens*, o que significa que, quando acontece o colapso, este não é um julgamento sobre a natureza humana *em si mesma*.

No Capítulo 9, citarei a evidência significativa de que as sociedades humanas viviam numa relação autossustentável com a natureza, aumentando mesmo a biodiversidade no seu habitat, sendo que algumas dessas sociedades ainda continuam a existir (pelo menos de alguma forma). Em segundo lugar, mencionarei as histórias de sociedades que esqueceram a necessidade de viver em equilíbrio com a natureza, e que tiveram de reaprender a ter uma melhor relação com ela depois de um colapso social. Quando se ignora esta história, alguns preferem dizer que os humanos são como bactérias numa placa de Petri, ou como algas num lago, passando por uma rápida explosão populacional até esgotarem a base de recursos, ou até os seus resíduos se tornarem venenosos. Esta visão não só ignora culturas indígenas que viveram dezenas de milhares de anos com acesso a combustíveis fósseis, que utilizaram com moderação, como também que não é natural para todas as espécies terem picos de população, que depois colapsam, se não tiverem predadores naturais. Sabemos que algumas espécies regulam o tamanho da sua população. É uma forma de negação, escolher pensar que o que causou o omnicídio foi apenas a ‘natureza, incluindo a humana, a ser a natureza’, que escapa por momentos às dificuldades de uma análise mais aprofundada, e põe fim a uma preocupação com possíveis sentimentos de vergonha ou de ódio. Este medo surge porque as pessoas vivem em culturas patriarcais que promovem a ideia de que há motivos na vida para a vergonha e a culpa, e que também é melhor evitar as emoções desagradáveis. Em vez disto, poderíamos viver com um sentimento de aceitação e de perdão prévio, para com nós mesmos e para com os outros, e estarmos abertos a tudo o que possa ser considerado como a causa de situações danosas. Abandonaríamos a nossa aversão à ideia de que a cultura da Modernidade Imperial, na qual aprendemos a ser humanos, é a culpada pelos danos, tal como muitas das nossas formas de trabalhar e de consumir hoje em dia.

Esta compreensão bastante nova da história humana é importante, como antídoto, para alguns dos pontos de vista que se tornaram populares entre aqueles que antecipam o colapso social. Uns dizem para

68 renunciarmos a tudo o que não seja cuidarmos de nós e apoiarmos as nossas comunidades. Outros gostam da ideia de esperar uma ‘segunda vinda’, ou acreditam que os extraterrestres nos vão ajudar. Outros dizem que precisamos de ‘proteger as nossas fronteiras’. Outros pensam que deveríamos garantir o acesso a recursos essenciais no estrangeiro. Em vez de apontar para qualquer uma destas ideias, estou a apontar para um novo sentimento ‘catastrofista’ [*doomster*] radical, que reconhece que surgirão oportunidades para a mudança, precisamente devido à rutura de normas sociais.

Nesta introdução alargada, dediquei tempo a percorrer algumas ideias, que apenas abordei superficialmente, para mostrar um caminho que leva a um sentimento radical *doomster* [catastrofista] que pretende recuperar o nosso poder de viver em harmonia, uns com os outros e com a natureza. Dar espaço ao desespero e ao arrependimento pode abrir portas a uma nova forma radical de ser, seja na vida pessoal, profissional e política, ou nas três. Na secção final desta introdução, irei dizer mais sobre a base filosófica desta perspetiva, que dá forma à segunda metade deste livro.

Libertar a humanidade para a sua verdadeira natureza

Como já vimos, as atitudes autoritárias e as ideias políticas para responder à crise ambiental estão a crescer. À medida que as pessoas se apercebem da gravidade da situação, e do fracasso dos esforços anteriores, é compreensível o desejo de reconsiderar tudo. No entanto, não é uma resposta útil acharmos que precisamos de ser mais controlados pelas autoridades, em vez de sermos menos manipulados pelas forças capitalistas. Pelo contrário, já está a criar desconfiança e reações contra as iniciativas ambientalistas, como explorarei no Capítulo 13. Em vez disso, com a consciência de que a Modernidade Imperial nos levou a uma era de colapso, podemos libertar-nos, a nós próprios e aos outros, para uma relação mais harmoniosa com a natureza.

É filosoficamente incoerente negar a importância da liberdade individual graças a uma afinidade com o mundo natural, já que a liberdade relativa de todas as formas de vida sencientes é central na natureza. Descrevo mais detalhadamente a ‘liberdade natural’ no Capítulo 11, com alguma

atenção aos antigos diálogos filosóficos sobre a natureza e a existência, particularmente, do livre-arbítrio, tanto nas formas de vida sencientes em geral como nos humanos em particular. Uma maior liberdade relativamente ao condicionamento social, seja pela Modernidade Imperial ou por outros sistemas, pode libertar e revelar qualidades que são inatas aos humanos. A ideia de que o ser humano é inatamente problemático, para si mesmo e para os outros, se não for civilizado pela sociedade ou guiado pela religião, é uma narrativa que tem sido promovida durante milhares de anos. Esta narrativa promove a separação entre o público em geral, ao mesmo tempo que aumenta o entusiasmo das elites, e de quem as serve, para exercerem o controlo sobre as populações. Durante anos me disseram que existem outras formas de pensarmos a natureza humana, que algumas tradições de sabedoria oriental não têm a ideia de ‘pecado original’ ou de uma maldade fundamental na espécie humana, mas só quando passei tempo no Templo Brahma Vihara é que aprendi sobre um enquadramento completo que poderia dar sentido à minha própria experiência.

A frase “Brahma Vihara” refere-se a quatro qualidades ou atitudes subjacentes nas pessoas, que foram reconhecidas milhares de anos antes de Buda. Há a *metta*, que descreve uma atitude de geral benevolência para com toda a vida. Depois há *karuna*, que descreve a empatia que sentimos pelo sofrimento de outros seres. Há a *mudita*, que descreve a nossa alegria pela felicidade dos outros. Finalmente, há a *upekkha*, que descreve uma equanimidade geral, relativamente a nós próprios, aos outros e à vida, de modo que não precisamos sentirmo-nos de certa maneira em relação aos outros seres vivos. São reconhecidos como aspetos da natureza subjacente nas pessoas, e apenas as contaminações provenientes da cultura, e das feridas emocionais ou confusões, levam a intenções ou comportamentos prejudiciais.

Com esta perspetiva, quando observamos todo o tipo de problemas no mundo, podemos perguntar o que é que afasta as pessoas de uma vida mais harmoniosa. Neste livro aprofundarei a ideia de que é a cultura e os sistemas da Modernidade Imperial que nos têm afastado da nossa verdadeira natureza. Esta perspetiva desemboca no interesse em libertar a natureza humana das manipulações da sociedade. Pode sustentar e

70 informar um compromisso integral e equilibrado com os direitos humanos universais, bem como com a justiça social e económica relacionada com esses direitos. Descobri que muitas pessoas compreendem esta ideia instintivamente, apesar do condicionamento social que sofremos desde que nascemos, numa cultura onde a comunicação social constantemente nos diz para desprezarmos os outros, que precisamos de disciplina, e que somos potencialmente perigosos. No entanto, não parece haver, pelo menos nos círculos de língua inglesa, uma linguagem comum para expressar esta perspetiva sobre o ambiente e a liberdade.

Também tenho notado que muitas pessoas que acham que as nossas sociedades estão a ruir partilham ideias sobre o que está errado na política e na economia que nos trouxe até aqui. No entanto, não nos adaptamos facilmente aos enquadramentos existentes da teoria política ou dos partidos políticos. Nem temos um termo para a nossa perspetiva,²⁴ o que significa que é mais difícil reconhecemo-nos uns aos outros como parte de um possível movimento que poderia aprender em conjunto a desenvolver abordagens, do pessoal ao político e do local ao internacional. Portanto, neste livro, utilizo os termos ‘ecoliberdade’ e ‘ecolibertarianismo’ para algumas das ideias mais profundas que acho que muitas pessoas partilham. Ecoliberdade é aquele estado individual e coletivo de ser livre e capacitado para cuidar dos outros e do meio ambiente, em vez de coagido ou manipulado para comportamentos que o danificam. Os ecolibertários acreditam na busca desse estado de ecoliberdade. Ambos os termos ajudam a definir a oposição ao ecoautoritarismo que está a surgir como a última fase da profissão ambiental que se acomoda facilmente ao poder. Descrevo esta filosofia no Capítulo 11, mas concluirei esta introdução com um resumo, pois proporciona uma maneira de compreendermos um argumento-chave deste livro.

As pessoas que descrevo como ‘ecolibertários’ chegaram à conclusão de que as sociedades destroem os seus próprios cimentos eco-sociais,

24 Sei que alguns leitores podem achar que os conceitos de socialismo, ou ecosocialismo, são apropriados para esta filosofia, enquanto outros podem achar que o anarquismo construtivo é muito parecido. No Capítulo 11, explico como nenhum destes conceitos e tradições é suficiente para o que procuro descrever.

porque os interesses dos poderosos institucionalizam-se para coagir ou manipular as pessoas a viverem a vida com insegurança e competitividade, tentando adaptar-se à situação de formas mais irrefletidas, indiferentes e aquisitivas. Por isso, hoje em dia, esses mesmos padrões institucionalizados do poder distorcem a consciência pública sobre o colapso social e as melhores formas de reagir (Capítulo 13). Em resposta, os ecolibertários acreditam que precisamos de restaurar e aplicar formas menos opressivas de ser e de agir, para obtermos um maior controlo do capital e das organizações públicas, canalizando assim recursos para organizações, recursos, plataformas e moedas de propriedade comum, para que seja possível um colapso social mais suave e mais justo. O objetivo consiste em recuperar o nosso poder das manipulações e apropriações do nosso mundo vital pelos sistemas da Modernidade Imperial. Em todo o mundo, estão a ser desenvolvidas partes deste programa de 'Grande Recuperação', mas aparentemente ainda não contam com um enquadramento geral que permita a integração e a amplificação dos esforços.²⁵ Embora o ritmo do colapso possa ser tão rápido que não tenhamos tempo suficiente para atualizar as nossas estratégias de mudança social, acredito que vale a pena partilhar estas ideias enquanto as comunicações internacionais ainda existem na sua forma atual, por isso, por favor, continue a ler!

A abordagem a que chamo ecolibertarianismo aponta para uma 'política progressista pós-progresso'. Parece um oxímoro e, no entanto, refere-se à importância de defendermos os valores universais de liberdade e justiça à medida que os sistemas existentes nas sociedades modernas se desintegram. Em vez de argumentar que as autoridades e os grupos poderosos devem fazer o que decidirem para tentar salvar o mundo, o ecolibertarianismo procura a liberdade de nos cuidarmos mutuamente, e da natureza, no presente. Em vez de nos concentrarmos principalmente em plantar as sementes do que virá depois, depois de um colapso, ou em prefigurar os valores, processos e tecnologias de uma civilização futura, ele traz-nos ao aqui e agora, e à forma como tratamos uns aos outros, e à natureza, durante períodos agitados. Embora alguns acreditem que

25 No Capítulo 13 explico melhor o programa da Grande Recuperação, com exemplos do trabalho de pessoas descritas no Capítulo 12.

72 precisamos de uma narrativa de um futuro melhor, a minha experiência no mundo ativista é que isso pode distrair-nos da ação no presente. A ênfase na visão e na esperança pode estar relacionada a uma ética consequencialista, onde fazemos as coisas porque acreditamos, ou dizemos que acreditamos, que alcançaremos um determinado resultado, como explico no Capítulo 8. Em vez deste ingênuo pensamento utópico, ou suas variantes, podemos trabalhar para uma 'evotopia', onde a maioria da humanidade aprecia a realidade em que vive e, assim, põe fim à destruição desnecessária, e liberta a beleza (algo que exploro no Capítulo 11).

Como filosofia política, proponho que o ecolibertarianismo implica um retorno ao equilíbrio entre a ética consequencialista e a ética da virtude, onde a última significa que agimos porque acreditamos que é o correto a fazer. É fundamental a paixão pelo trabalho, mas o desapego ao resultado. O bispo Oscar Romero foi assassinado no altar por um esquadrão da morte apoiado pelos Estados Unidos da América. Ainda me lembro de ver a sua túnica furada das balas e manchada de sangue numa vitrina no pequeno museu sobre a sua vida. Romero tinha plena consciência dos riscos que corria, ao criticar o governo e as elites pela exploração do povo salvadorenho. Ao olhar para a vitrina percebi, de uma só vez, tanto a possível brutalidade do sistema capitalista global perante a resistência de pessoas influentes, como também o que significa colocar em prática os princípios de amor, da verdade e da justiça, acima da própria segurança e bem-estar.

Fazer o correto onde seja possível enfrentará a forte oposição das elites, e de quem elas manipulam (Capítulo 13). Precisamos primeiro de identificar o que está correto, independentemente dos incentivos para fazer o contrário, ou de pensarmos que seremos bem-sucedidos. Fazer o que está correto sem nos agarrarmos ao resultado levar-nos-á a um envolvimento mais pleno com a realidade, ou seja, agir apesar das certezas de fracasso, individual ou coletivo. Não se trata de fazer o correto apenas por haver uma pequena possibilidade de sucesso. É claro que saber o que é correto fazer, em qualquer circunstância, exige alguma sabedoria. Como parte do colapso social, muita gente já não sabe onde procurar informação credível, muito menos uma boa análise e opinião.

No Capítulo 8, explico a natureza e a necessidade da ‘sabedoria crítica’ para escapar às manipulações dos nossos pensamentos e emoções que são onnipresentes nas sociedades modernas.

Diversas ideias para a vida pessoal, profissional e política podem vir da aceitação dos colapsos em curso, algumas das quais discuto no Capítulo 12. Nos últimos anos, tenho visto pessoas a reagir de maneira positiva à sua própria conclusão de que as sociedades estão a desabar. O seu pessimismo positivo, quando procuram contribuir para os outros, incentivou-me a pensar que podemos, pelo menos, tentar ter um colapso mais suave e mais justo. Embora os danos causados, diariamente, pelo atual sistema possam levar algumas pessoas a desejar que estas sociedades entrem em colapso mais rapidamente, não defendo que se tente fazer isso, mas vou concentrar-me em evitar os danos adicionais de sustentar um sistema falido, agora cheio de pânico e disfuncional. Em vez disso, temos de abandonar a ideologia do progresso para entrar num período em que recuperamos mais aspetos das nossas vidas.

Apostar numa agenda de Grande Recuperação, em vez de uma agenda de progresso, envolve retirarmo-nos ativamente de vários aspetos das sociedades modernas, o que não será fácil. Na verdade, nem sequer será considerado, até que se quebre o tabu do ‘ainda não é demasiado tarde’ na comunicação social, para se discutir honestamente a situação que a humanidade enfrenta. Para sermos úteis neste processo de recuo das sociedades modernas, em vez de progredirmos fraudulentamente, cada um de nós terá de diminuir a sua dependência de vários aspetos da sociedade moderna. É óbvio que os hábitos mais extravagantes de consumo devem mudar. Acontecerá? Não sou otimista. Para que as sociedades mais ricas reduzam o consumo serão necessárias intervenções radicais para conseguirmos maior igualdade de rendimentos e de bens, caso contrário haverá uma resistência considerável e justificada. Infelizmente, há menos potencial agora, do que em décadas passadas, para mobilizar as classes trabalhadoras das economias avançadas, mobilização essa que seria necessária para conseguir este resultado. Portanto, alguma pressão externa poderia auxiliar neste processo. Será que os países que atualmente exportam enormes quantidades de matérias-primas, bem como os produtos da sua mão-de-obra barata, podem coletivamente reduzir esta

74 transferência de recursos? Poderiam constituir uma Grande Recuperação de poder a nível global? Este movimento geopolítico só seria possível se os milhares de milhões de pessoas, atualmente negativamente afetadas pelas alterações climáticas, se consciencializarem da causa das suas dificuldades, e encontrarem formas de expressá-las politicamente. Os ativistas ocidentais que trabalham de forma justa e criativa no decrescimento das suas economias poderiam acolher favoravelmente esta possível mobilização do Sul Global, e até apoiá-la (Capítulo 13).

Deve ter reparado que estas ideias soam muito diferentes do libertarianismo de direita. Colocarei o ecolibertarianismo em contexto teórico-político no Capítulo 11, mas assim muito brevemente: o libertarianismo de direita diz estar centrado na soberania pessoal, mas illogicamente coloca toda a atenção, ou quase toda, na ameaça a essa liberdade vinda do governo. Na verdade, o controlo exercido pela riqueza privada e a manipulação dos mercados podem limitar a liberdade individual. Assim, é necessária alguma ação coletiva para limitar o poder das grandes empresas e das elites. Outra incoerência dentro do libertarianismo de direita é o seu conservadorismo em questões culturais, onde as liberdades pessoais de repente deixam de ser prioritárias. Não vejo nem a política da nostalgia, nem o libertarianismo de direita, como linhas úteis para responder aos alicerces em rutura das sociedades modernas.

Sem um período de Grande Recuperação do poder das elites, e sem um recuo ativo de muitos aspetos das sociedades modernas, as convulsões de um sistema moribundo causarão ainda mais prejuízos. Portanto, retirar-se para uma vida tranquila e oferecer ajuda às pessoas em dificuldades nas proximidades provavelmente não conseguirá evitar estas convulsões. Nem daria resposta à dívida de privilégio que permite a nossa atual, e talvez efémera, oportunidade de considerarmos este tema. Portanto, por enquanto, escolho as conversas e os esforços necessários para defender os direitos universais, a responsabilidade e a justiça. Se as pessoas como nós não o tentarmos, então vamos deixar a preparação, a orientação e a possível recuperação de um colapso nas mãos de pessoas e instituições que não o abordarão com os mesmos valores.

Juntos na rutura

75

Se as mudanças recentes no mundo o deixaram atordoado e confuso, não é o único. Se acha que as respostas atuais são insuficientes e que, portanto, todos corremos o risco de nos magoarmos, ou até mesmo de piorar as coisas, também é normal. Se anseia por uma nova estabilidade, entre si e os seus pares, perante as dificuldades crescentes, para ter uma clareza de propósito motivadora, então partilhamos o mesmo desejo. Se agora reconhece que agarrar-se aos seus hábitos de distração, ou proclamar a sua ética *online* não têm, infelizmente, qualquer impacto, acredito que os argumentos deste livro vão ser úteis. Descobri que compreender a causa e o futuro dos problemas pode ajudar-nos a voltar a agir com mais lucidez e coração. Em primeiro lugar, perceber que este desastre não se deve à natureza humana, mas à opressão e à manipulação de todos nós por sistemas que favorecem os piores aspetos do ser humano. Na verdade, quem nos ataca não é uma multidão de ‘agentes Smith’ do Matrix, mas um código subjacente da expansão monetária. Em segundo lugar, perceber que não precisamos da certeza de obter resultados materiais para querer fazer o que está correto. Em terceiro lugar, compreender que o fracasso do passado em criar mudanças é menos importante hoje em dia, já que a ruína de sistemas poderosos nos liberta para contribuímos de novas formas. Em quarto está a ideia de que podemos ser melhores, ao permitir as emoções difíceis do medo e da tristeza, sem que estas nos definam ou nos guiem, porque reconhecemos o amor que precede estes sentimentos. Consequentemente, os nossos sentimentos de atordoamento e confusão podem desaparecer com esta compreensão quádrupla. Não importa quão más sejam as situações, sabemos que nos preparamos para ser o mais firmes, lúcidos e bondosos possível.

Se é parecido comigo, então ainda está em grande parte afastado das crescentes dificuldades do mundo. A nossa realidade diária não presencia ou sente, plena e constantemente, o horrível sofrimento e a destruição envolvida na produção dos nossos confortos quotidianos ou do nosso sentido de segurança e superioridade. Não sentimos, por isso, nem alívio nem euforia ao saber que este sistema de destruição está a ser interrompido, irá reduzir-se, e pode mesmo chegar ao fim. Se sentíssemos plenamente a dor da nossa participação nesta obscenidade, estaríamos abertos a uma

76 curiosidade em relação à sua decomposição, incluindo às instabilidades, dificuldades e privações que vão caracterizar o resto das nossas vidas. Não quer dizer que sejamos contra as sociedades industriais de consumo que dominam a humanidade atual, ou que optemos por uma postura anti-civilização. Significa simplesmente que, apesar de lamentarmos a sua perda, também não vemos utilidade em tentar aguentá-las mais tempo. O facto dos múltiplos alicerces das sociedades modernas estarem todos a ruir ao mesmo tempo significa podermos escolher entre estar juntos ou separados na rutura. Quando digo 'juntos na rutura', refiro-me a que a rutura dos nossos privilégios, confortos, pontos de vista e identidades nos permita uma nova abertura, para nos ligarmos às pessoas, à natureza, e até mesmo ao eterno. Podemos também permitir que esta rutura nos reconecte a aspetos nossos que têm estado escondidos sob o condicionamento social que vivemos desde a nascença. Para nos sentirmos seguros, respeitados, aptos e capazes de nos divertirmos de formas já conhecidas, tendemos a agarrar-nos aos produtos desse condicionamento, mas temos de deixar-nos ir, e permanecer juntos na rutura.

Se a base empírica desta perspetiva não o convence, recomendo que leia a primeira metade deste livro, que detalha as provas que levaram à conclusão de que o colapso das sociedades modernas já se encontra em curso, graças a uma série de processos e constrangimentos. Se já estiver convencido, pode passar à segunda parte. Espero que estas páginas o ajudem a entender melhor a sua situação e a viver uma relação benéfica com o resto da vida durante o tempo que lhe resta no planeta Terra.